

Faculdade Damas da Instrução Cristã

Curso de Relações Internacionais

Daylhane Michely Aguiar Cunha

Internacionalização do Ensino Superior: o curso de
Relações Internacionais em Pernambuco

Recife
2015

Internacionalização do Ensino Superior: o curso de Relações Internacionais em
Pernambuco

Daylhane Michely Aguiar Cunha

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Conselho de Curso de Relações
Internacionais da Faculdade Damas da
Instrução Cristã para a obtenção do título de
Bacharel em Relações Internacionais.

CUNHA, D. M. A.

**Internacionalização do ensino superior : o curso de Relações Internacionais em Pernambuco.
Daylhane Michely Aguiar Cunha. Recife: o Autor, 2015.**

74 folhas.

Orientador (a): Prof^o Gustavo Andrade Rocha

**Monografia (graduação) – Bacharelado em Relações Internacionais - Faculdade Damas da
Instrução Cristã. Trabalho de conclusão de curso, 2015.**

Inclui bibliografia.

1. Relações Internacionais 2. Internacionalização do Ensino Superior 3. Globalização.

**327 CDU (2ªed.)
327 CDD (22ª ed.)**

**Faculdade Damas
TCC 2015 – 321**

Internacionalização do Ensino Superior: o curso de Relações Internacionais em
Pernambuco

Daylhane Michely Aguiar Cunha

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Conselho de Curso de Relações
Internacionais da Faculdade Damas da
Instrução Cristã para a obtenção do título de
Bacharel em Relações Internacionais.

Banca examinadora:

Prof. Ms. Gustavo de Andrade Rocha (orientador)

Prof. Ms. Pedro Gustavo Cavalcanti Soares

Prof. Dr. Thales Castro

Recife, 10 de abril de 2015.

A minha família

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço a Deus. Por ser tão bom para mim. Por ter me deixado vir ao mundo pelo ventre da minha mãe e por me colocar nos braços de um homem tão guerreiro como meu pai. Também por ter me feito dividir os mesmos pais com meu irmão que sempre está presente nas melhores memórias de infância. Agradeço por ter me colocado nessa família que se preocupou tanto com que eu compartilhasse dos valores dos meus avós, dos valores cristãos. Graças aos meus pais aprendi a honestidade, a bondade, a perseverança, a coragem, a não fazer distinção com ninguém, a lutar e não desistir. Obrigada por serem os maiores exemplos na minha vida.

Esse ano de 2014 foi um dos mais incríveis que vivi. Entre puxões de orelha para me formar logo, a pressão e em meio a insegurança que dá quando a gente trava, as demandas por todos os lados do que eu escolhi para o ano: ser diretora da área de maior volume de operações e geração de liderança da AIESEC Recife.

Decidir focar nisso foi muito certo. Aprendi muitíssimo. Coisas que se aprendem com a vida. Sou muito grata por cada meta ousada, por cada inovação, por cada minuto de esforço, muito esforço, por cada desespero, cada cansaço, cada dia após o outro. Agora sou forte. Mas mais do que fortaleza, o que importou mesmo foi o sorriso depois do dever cumprido, o abraço apertado e a certeza de ter amigos verdadeiros com quem contar.

Tenho que agradecer por cada pessoa maravilhosa que cruzou meu caminho, para nos ensinarmos, para nos ajudarmos, para rirmos um pouco mais. EB Clarity, Alfaias, eu não saberia quem eu sou como sei hoje se não fosse me olhar refletida em vocês, encarar meus próprios defeitos e ver o meu lado bom através do brilho dos seus olhos, esperançosos e firmes. Vou sentir falta do contato diário e das REBs. Mas sempre estarei por perto, falando de coisas impossíveis ou bobalhices, tanto faz. Claro que espero que também sintam falta de mim (risos). Obrigada também a Laurinha, que em outras tentativas, assumiu para si a colaboração de me policiar sobre o tcc. E a Priscilla, obrigada, obrigada, muito obrigada por compartilhar um pouquinho da sua sabedoria e por me dar a luz que eu precisava para realizar isso que você está lendo. Você é um anjo!

E se é para falar de pessoas especiais, quem foi mais importante para mim foi você, Artur. *I really must to scream a loud "THANK YOU" for the world for letting our pathes been crossed. I learnt so much about my limits, about living a complete life, understanding all the roles I am engaged with. Dzekuje Bardzo for all your joy, your peace, your patience and your love. So many times you were the main motivation for I finish this cycle and start a new one - with you.*

Da faculdade vou guardar muitos bons momentos. Cursar Relações Internacionais foi me aprofundar sobre temas que desde criança, quando ganhei o Atlas da Recreio, o globo e meu pai ficava me perguntando as capitais do mundo, tinha

curiosidade, e que na adolescência desabrochou. Eu simplesmente amava estudar geografia humana e entender a parte política, econômica, cultural de cada coordenada geográfica. Hoje compreendo criticamente aquilo pelo que me interessei e pus meu jeitinho de utilizar o conhecimento sobre o mundo para algo que faça a diferença no próprio, junto com muita gente. Agradeço a Thales, Susan, Artemis, Elton, Dayse, Margarita, Pedro, Maurício, Márcia, Sidarta - por serem tão inspiradores, por me fazer ter o que pensar quando chegar em casa e por serem professores que sabem estimular o interesse e engajamento de quem quer participar. Agradeço especialmente a Gustavo, que na minha correria e vontade de terminar ainda esse ano, aceitou ser meu orientador e me trouxe esclarecimentos preciosos que fizeram a diferença nesse trabalho. Obrigada pela paciência e pelo compromisso.

Do Damas, já levo muita gente preciosa no coração. Meus primeiros colegas: Isadora, Mabel, Andreia, Renata Mariana Rosa, Débora, Lucas. Como foi bom começar essa trajetória com vocês! Vamo nos encontrar daqui a 5, 10 anos para vermos como cada um está! E, claro, ao meu super companheiro de todos os tempos, desde Maceió, desde minhas mudanças pela cidade de Recife, desde meu *VP*, desde meu amigo, Guilherme, gosto de você de graça

Sobre o tcc, não posso esquecer de agradecer a Hans de Wit, porque senão eu não teria bibliografia suficiente. E um imenso obrigada a todos que contribuíram para que eu formasse um panorama da situação das IES de Pernambuco. Obrigada aos responsáveis pela internacionalização das instituições, obrigada aos estudantes que responderam meu questionário. De verdade, sem vocês isso sequer viria para o papel.

Por último e muito justo, agradeço também a minha determinação, a me dedicar tanto até conseguir o que quero, a minha mentalidade de fechar ciclos, começar novos. Estou finalizando esse mais feliz que nunca. Sei qual é o próximo passo. Fazer esse tcc só me provou ainda mais. Descobri coisas que sequer imaginava, tive meus planos aprimorados. Agora quero mesmo é colocá-los em prática! Sigo de peito aberto, pé no chão e entusiasmo no alto. E agradeço também por me sentir assim. Impressionada com tudo o que me acontece de bom.

RESUMO

A intensificação da globalização demanda das instituições de ensino superior (IES) um papel mais proativo no engajamento além-fronteiras com entidades similares. Motivadas por interesses compartilhados, elas se propõem a oferecer ao estudante uma formação adequada aos novos desafios e oportunidades, ao passo que protagonizam o bom posicionamento das IES em um cenário muito mais competitivo que outrora. Dessa forma a Internacionalização do Ensino Superior passa de atividade secundária a nuclear e torna-se relevante a nível global. O presente trabalho investiga como as instituições de ensino superior se comportam enquanto novos atores internacionais, ao mesmo tempo em que debate as prioridades e ações concretas das IES em Pernambuco que oferecem graduação em Relações Internacionais (ou com ênfase) no que tange à própria internacionalização. Argumenta-se que as instituições que buscam um patamar de excelência não podem se eximir da responsabilidade de internacionalização sob risco de virem a sofrer consequências negativas relacionadas ao distanciamento dos critérios de qualidade institucional e profissional. Dessa maneira, a pesquisa colabora na medida em que chama a atenção da comunidade acadêmica para as vantagens da internacionalização e para a necessidade de administração de potenciais riscos.

Palavras-chave: Internacionalização do Ensino Superior; Globalização; Relações Internacionais.

ABSTRACT

The intensification of globalization demands from higher education institutions (HEI) a more proactive role in the engagement with similar entities abroad. Motivated by common interests, their purpose are to offer to the student a formation that is suitable to the new challenges and opportunities, as well contribute to a great brand positioning of the HEI in a situation of even deeper competition than before. Furthermore, internationalization of higher education comes from a secondary activity to a mainstream one and becomes globally relevant. The current research investigates how higher education institutions behave as new actors on the international stage. Meanwhile, it discusses about the priorities and concrete internationalization actions of the HEI that provide bachelor degree in International Relations in Pernambuco, Brazil. The study aims that the institution which seeks excellence in its service can not exempt from the responsibility of internationalization, regarding the risk of negative consequences related to the lack of adaptation to the global rhythm and institutional and professional competition standards. Therefore, the research enhances once it calls the attention of the academic community to the advantages of internationalization, in addition to the need of managing potential risks.

Keywords: Internationalization of Higher Education; Globalization; International Relations.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I - REFERENCIAL TEÓRICO	14
1.1 - A Interdependência Complexa	14
1.2 - O Construtivismo	17
APÍTULO II - ATUAÇÃO INTERNACIONAL DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR	18
2.1 - O Panorama	18
2.2 - O Conceito	21
2.3 - As Motivações.....	25
2.4 - As Estratégias.....	29
2.5 - Internacionalização e Qualidade	30
CAPÍTULO III - INTERNACIONALIZAÇÃO DAS IES DE PERNAMBUCO QUE OFERTAM BACHARELADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS	35
3.1 - Metodologia	35
3.1.1 - O <i>Framework</i> da NVAO	37
3.1.2 - O <i>Checklist</i> da Universidade InHolland.....	39
3.2 - Coleta e Análise dos Resultados	40
3.2.1 - Universidade Federal de Pernambuco	40
3.2.2 - Estácio do Recife	46
3.2.3 - Faculdade Damas	48
3.3 - Impacto nos estudantes	51
3.4 - Análise	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
REFERÊNCIAS	68
ANEXOS	70

INTRODUÇÃO

Não é de agora que as universidades enquanto templo do saber fazem jus ao nome universal. O interesse por conhecimentos de outras terras e aprendizagem com outros povos data desde quando o mundo sequer havia se organizado em Estados Nacionais. Desde à época do Descobrimento do Brasil, por exemplo, o meio culto europeu -ademais da necessidade das autoridades das metrópoles em possuir uma descrição detalhada sobre as Índias Ocidentais- tinha curiosidade perante as diferenças e choques culturais retratados na literatura de informação dos autores do Quinhentismo ou na aventura vivenciada pelo explorador alemão Hans Staden em *Duas Viagens ao Brasil*. No campo das ciências naturais, foi a própria necessidade de informações que não existiam na Inglaterra que levou Charles Darwin a viagens pela América do Sul e Oceania a fim de obter material e análises para a sua pesquisa e então desenvolver reflexões que o levariam a escrever *A Origem das Espécies*.

No fim do século XIX e começo do século XX, após a Primeira Guerra Mundial, foi o intercâmbio de ideias e demonstrações que negavam o progresso da "*Belle Époque*" que permeou o surgimento das vanguardas europeias, espalhando-se conforme os movimentos de artistas e intelectuais pelo continente. Inspirou inclusive Oswald de Andrade a protagonizar o modernismo brasileiro, a partir da concepção antropofágica (o mesmo ritual descrito por Hans Staden que influenciou o imaginário europeu acerca da "barbárie" brasileira) de devorar a cultura importada -"Só me interessa o que não é meu"- para atribuir-lha uma nova roupagem ao misturar elementos locais e produzir uma arte tipo exportação - "Tupi or not tupi, that is the question".

Assim, de Gandhi a Sérgio Vieira de Mello, a história recente também é marcada por movimentos e pessoas que, influenciadas por experiências obtidas com estudos e interações no exterior, mudaram o mundo. Desse modo, as instituições de ensino superior configuram-se o ambiente propício ao embate de ideias, mentalidades, comportamentos e experiências históricas que são o pano de fundo da realidade que nos cerca.

O aprofundamento dessas mesmas interações internacionais, mediante a revolução tecnológica e informacional que acelerou o processo globalizante a ponto de

possibilitar o livre fluxo de bens, serviços, finanças, informações e pessoas - claro que seguindo certos limites- em escala nunca antes vista moldou uma comunidade de países muito mais integrada e interdependente.

Se antes o Estado era o condutor exclusivo das relações entre países, agora não somente governos interagem além-fronteiras, senão grandes corporações transnacionais, organizações não governamentais, entidades subnacionais, a sociedade organizada e as instituições de ensino superior atuam em paralelo e tomam decisões que impactam os Estados e que, muitas vezes, fogem ao controle dos mesmos. Em uma situação em que os conflitos não são mais exclusivamente resolvidos por meio da força, a esfera econômica, bem como temas considerados "*low politics*" ganham espaço.

Às mudanças dos últimos quarenta anos, surgiram novos desafios e oportunidades que demandam uma força de trabalho capaz de lidar com o ritmo global. Diante desse cenário, a educação emerge como a dádiva que garante um país altamente competitivo econômico e tecnologicamente e, portanto, adquire ainda mais relevância, uma vez que a qualificação da mão de obra é obtida pelo ensino superior e pela pesquisa.

Desse modo, Estados Unidos e países europeus catalisaram iniciativas que visavam a atrair as melhores mentes do mundo, além de fazer de seus próprios cidadãos os mais qualificados. É nesse contexto que se implementa na Europa o Erasmus, que após um projeto piloto de mobilidade estudantil de 1981 a 1986, se torna a principal plataforma de intercâmbio na região. Dentre os desdobramentos, a Declaração de Bolonha assinada em 1999 com fins a promover uma reorganização do Ensino Superior europeu, mediante a adequação a princípios, possibilitou o estabelecimento de um sistema de transferência de créditos, intensificando tanto a mobilidade estudantil quanto o desenvolvimento de critérios de qualidade.

No Brasil, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), cria em 1953 o Programa Universitário e tem-se início a contratação de professores visitantes estrangeiros, estímulo a atividades de intercâmbio e cooperação entre instituições, concessão bolsas de estudos e apoio a eventos científicos. Mantendo o viés inicial, a Capes atualmente subsidia o Ministério da Educação (MEC) na formulação das políticas de pós-graduação, coordenando e estimulando - mediante a concessão de bolsas de estudo, auxílios e outros mecanismos - a formação de recursos

humanos qualificados para a docência em grau superior, a pesquisa e o atendimento da demanda profissional dos setores públicos e privados.

É com esse objetivo que o governo brasileiro lança em 2011 o Programa Ciência sem Fronteiras. Por ele, em quatro anos, 101 mil bolsas serão ofertadas a alunos de graduação e de pós-graduação com a finalidade de tecer laços com "sistemas educacionais competitivos em relação à tecnologia e inovação e atrair pesquisadores do exterior que queiram se fixar no Brasil ou estabelecer parcerias com os pesquisadores brasileiros nas áreas prioritárias definidas no Programa"¹.

Contudo, a internacionalização do ensino superior não deriva apenas de esferas macro que englobam a universidade mais como o canal para atingir os estudantes. As próprias instituições de ensino atuam internacionalmente conforme interesses próprios. Diante de uma realidade cada vez mais competitiva, as entidades precisam garantir excelência em qualidade de ensino e pesquisa para atrair os melhores alunos e professores. Elas buscam *status*, posições de destaque em rankings globais, alcance de critérios internacionais e recursos financeiros, provenientes do Estado ou do mercado, e, para tanto, articulam estratégias com entidades afins.

A Internacionalização do Ensino Superior emerge como a resposta das instituições de ensino às novas demandas da globalização (DE WIT, 2013) e torna-se cada vez mais relevante, graças a uma postura proativa que transforma a internacionalização de objeto acessório a atividade-chave (UNESCO, 2009).

De acordo com o Relatório para a Conferência Internacional do Ensino Superior da UNESCO (2009), em 2007 2.800.000 estudantes participaram de programas de intercâmbio. A imensa maioria proveniente da América do Norte e da Europa Ocidental. A América Latina e o Caribe aparece em penúltima posição, com 53 mil estudantes, atrás da Europa Central e Oriental (200 mil), dos países árabes (80 mil), da África Subsaariana (73 mil) e da Ásia Central (73 mil), estando somente na frente do Sudoeste Asiático.

Aos poucos, a tendência prevaiente na mobilidade altera-se para inovações no currículo, possibilitando um desenvolvimento sem sair do país. Os debates destacam que a internacionalização não deve ser um fim em si mesmo (WIT, 2013), limitando-se

¹ Fonte: <http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/o-programa>. Acesso em 04/12/14

à burocracia de números de intercâmbio, mas que deve ser utilizada como uma ferramenta de mudança educacional capaz de melhorar a qualidade da educação (GAALLEN, 2008).

Nesse contexto, a internacionalização do ensino superior se apresenta entre o local e o global, entre afrontas a identidade nacional e possibilidades além-fronteiras, entre fuga de cérebros e de patentes e o desenvolvimento de mão de obra qualificada. Ademais, na nova ordem internacional, a educação não escapa dos conflitos centro-periferia. Nos países pobres, cujas instituições são as mais escassas em recursos, as oportunidades de engajamento internacional são muito limitadas. Para a UNESCO, o desafio é possibilitar a internacionalização para todos, pois "se as tendências continuarem, a distribuição da riqueza e dos talentos no mundo ficará ainda mais distorcida." (UNESCO, 2009, p.10)

Frente ao papel das instituições do ensino superior, o presente trabalho assume que elas não podem ficar ausentes ou inertes, deixando de executar ações capazes de proporcionar um ambiente intercultural de aprendizagem, sob risco de estudantes, professores, a própria instituição e até o país e a comunidade internacional não usufruírem dos benefícios da internacionalização e tão logo virem a sofrer consequências negativas relacionadas a falta de adaptação ao ritmo global, distanciando-se dos critérios de competição institucional e profissional.

Diante disso, o principal objetivo da monografia é pesquisar como as instituições de ensino superior de Pernambuco que oferecem bacharelado em Relações Internacionais se posicionam frente ao processo de internacionalização, e assim, investigar quais as prioridades dos responsáveis pelo planejamento e execução, quais estratégias são aplicadas, bem como a efetividade delas na contribuição para a qualidade da instituição e da aprendizagem do aluno. Para tanto, a monografia tenta também compreender as *rationales* da internacionalização, esclarecendo como a ferramenta contribui e se traduz em estratégias e resultados.

Optou-se por entidades que ofertam o curso de bacharelado em Relações Internacionais porque tanto o curso, ao oferecer os fundamentos e os instrumentos analíticos para organizar o conhecimento sobre o meio internacional e os fenômenos a ele associados, quanto o mercado de trabalho, associado a atuação internacional de empresas, setor público e terceiro setor, tornam o estudante de Relações Internacionais

agente e alvo principal das demandas globalizantes. Por essa razão, acredita-se que se a internacionalização é importante para o ensino superior, o é em maior dimensão para quem lidará diretamente com assuntos globais.

Desse modo, a monografia está estruturada em três capítulos. O primeiro discorre sobre o referencial teórico que justifica a atividade internacional do ensino superior. Por ser um assunto muito recente e sem consenso formal a respeito, o intuito não é categorizar o tema em um dos paradigmas das Relações Internacionais, senão, conectá-lo ao arcabouço neoliberal e construtivista, em razão de serem embasados em premissas que dizem respeito à internacionalização do ensino superior, tais quais a atividade de atores não estatais e a de que o dinamismo do mundo é coconstruído por agentes e pela estrutura simultaneamente.

O segundo capítulo, pois, contextualiza o objeto de estudo, apresentando a evolução do conceito, as motivações de cada agente interessado na atividade internacional das instituições, as atividades envolvidas no processo e o debate sobre qualidade na internacionalização.

O terceiro capítulo aplica a metodologia elaborada pela Universidade de *InHolland* e pela NVAO (Organização de Acreditação dos Países Baixos e da Bélgica), que se propõem a direcionar as entidades de ensino superior no que diz respeito à qualidade dos seus serviços de internacionalização e ao impacto real do mesmo para o estudante e para a instituição. A partir disso, apresenta-se os dados colhidos com os representantes da internacionalização dos três estabelecimentos avaliados: a Universidade Federal de Pernambuco, a Estácio Recife e a Faculdade Damas da Instrução Cristã. A presente pesquisa achou válido acrescentar a visão dos alunos, comparando a opinião dos mesmos com o discurso proferido pelos responsáveis, ainda que o número desigual de participantes por instituição limite a análise. Por fim, o presente trabalho infere conclusões que podem ser tiradas a partir do material coletado sobre a internacionalização das entidades avaliadas.

Perante a importância imensurável das universidades e demais instituições de ensino superior, o presente trabalho pretende chamar a atenção da comunidade acadêmica para as vantagens da internacionalização e para a necessidade de administração de potenciais riscos. A partir do momento de escolha do tema, vastamente debatido mundo a fora, mas ainda incipiente no país, o intuito da pesquisa é ser um pequeno passo para reverter a situação periférica que caracteriza o ensino, a

pesquisa, a inovação e a competitividade do Brasil e da América Latina. A principal contribuição ocorre à medida que se transpore quais os resultados que são esperados com a internacionalização e, sobretudo, a necessidade e possibilidade de melhoria das fragilidades que ainda limitam a internacionalização das instituições do ensino superior de Pernambuco e do Brasil.

CAPÍTULO I - REFERENCIAL TEÓRICO

1. 1 Interdependência Complexa

Preocupadas em formar profissionais para impactar globalmente, as universidades interagem mundo a fora. Aprimoram os programas de ensino, trazem a interculturalidade tanto para dentro da sala de aula como para atividades extracurriculares, incentivam o desenvolvimento de competências e habilidades sociais fora das fronteiras nacionais - sejam estudantes ou professores- apoiam e acompanham as experiências de alunos estrangeiros e nacionais, obtêm recursos financeiros provenientes do exterior. Essa já é a realidade em algumas Instituições de Ensino Superior, principalmente da Europa, Estados Unidos, Canadá, Austrália e uma tendência mundial que ganha força em um cenário de crescimento das alternativas de aprendizagem e, subsequente, competição por uma posição de destaque que qualifique o ensino e a pesquisa.

Os responsáveis pela formulação e implementação das estratégias de inserção internacional dessas instituições trabalham com visão própria, buscando na relação com instâncias similares de outros países a realização de objetivos mútuos, atenuando possíveis divergências de interesses e ações, decidindo de maneira autônoma na maior parte das vezes. Assim também atuam empresas, organizações não governamentais e organismos internacionais e é a partir da emergência desses novos *players* no sistema internacional, redefinindo o papel do Estado (CASTRO, 2012) que os teóricos da Interdependência Complexa tentam explicar as mudanças na política mundial.

Década de 1970, crise do petróleo. Quando a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) anunciou a Estados Unidos e Europa o embargo do fornecimento do principal componente de suas matrizes energéticas, evidenciou-se a elevada sensibilidade e vulnerabilidade ² as quais até as principais potências da época estavam submetidas.

Dessa maneira, ficou claro que acontecimentos originados em um país produzem "efeitos recíprocos entre países ou entre atores em diferentes países" (NOGUEIRA;

² Sensibilidade e Vulnerabilidade são efeitos produzidos pela interdependência. O primeiro aponta o impacto que um acontecimento ocorrido em um país causa em outro. O segundo diz respeito ao custo das alternativas disponíveis para contornar o impacto externo. Por exemplo, diante do embargo da OPEP, o Brasil se mostrou menos vulnerável que Europa e Estados Unidos, pois o uso de hidroelétricas e do álcool tornavam menos custosas as manobras frente a essa situação.

MESSARI, 2005, p.82). A chave do conceito de Interdependência Complexa desenvolvido por Keohane e Nye em *Power and Interdependence* (1977) é a evidência que todos os envolvidos de alguma forma são atingidos, tal uma via de mão dupla (NOGUEIRA; MESSARI, 2005)

A noção de interdependência já fora trazida pelos neoliberais anteriores, que procuraram rebater às críticas de que a temática liberal discute um mundo como deveria ser, em detrimento da realidade, colocando elementos com vistas a explicar o sistema internacional tal como é, contudo enfatizando a cooperação ao invés do conflito. Assim, afirmavam que a intensificação das relações econômicas, por aumentarem o grau de interdependência e as possibilidades de ganhos mútuos, inexoravelmente levaria à cooperação (JACKSON; SORENSEN, 2007).

Nesse sentido, o funcionalismo de Mitrany (1966 *apud* JACKSON; SORENSEN, 2007) explica que os conflitos diminuiriam graças a agências especializadas criadas para o cumprimento de funções específicas não mais pertinentes ao Estado que formariam grupos de organizações supranacionais através do efeito *spill over*³, portanto, desvinculariam o funcionamento dessas redes das ambições políticas. Já Haas (1958 *apud* JACKSON; SORENSEN, 2007) tenta em seu neofuncionalismo conectar técnica e política, preocupado em fazer com que burocratas convençam as elites políticas dos benefícios de se transferir parcelas de sua soberania para as eficientes agências.

Em contraposição a tais explicações, a versão de Keohane e Nye trouxe mais credibilidade ao debate neoliberalista ao considerar a interdependência como um recurso de poder que também pode proporcionar conflitos e, assim, torna mais complexa "a forma como as decisões políticas são tomadas, pois essas passam a considerar as inúmeras variáveis que determinam o resultado das interações" (NOGUEIRA; MESSARI, 2005, p.84).

Para eles, a interdependência é assimétrica e as organizações surgem como plataformas de resolução de controvérsias e administração de conflitos a fim de permitir que os Estados usufruam dos benefícios de um sistema extremamente integrado

³ Efeito de transbordamento. O sucesso de uma função se transfere para uma outra área, iniciando novas cooperações. Ou seja, o aprendizado com experiências bem sucedidas impulsiona soluções organizacionais a migrarem (transbordarem) para outros setores.

(NOGUEIRA; MESSARI, 2005), diferenciando-se daqueles que atribuíam às organizações o papel de estruturas padronizadoras com autoridade internacional que suprem a redução da presença do Estado através da execução de várias atividades.

Na Interdependência Complexa, as organizações internacionais são produtos das escolhas feitas pelos Estados que, por sua vez, vêm decrescer a utilidade da força como solução para conflitos econômicos, por exemplo, evidenciando a "especialização dos recursos de poder em relação às áreas temáticas" (JACKSON; SORENSEN, 2007, p.164). Nas palavras de CASTRO (2012, p. 361):

"Para a Interdependência Complexa, a guerra deixa de ser o que, na perspectiva realista representa a lógica das Relações Internacionais centrada nos problemas de segurança, na ameaça hobbesiana e no constante dever de defender, dissuasoriamente, a integridade territorial dos Estados. (...) Observa-se a relação intrínseca entre Estado, novos atores e o mercado global. Os conflitos são de natureza econômico-comercial e financeira e têm na prática da arbitragem, da negociação internacional e na mediação transnacional uma de suas principais características."

A intensificação da globalização incorporou ainda uma ampla variedade de temas à Agenda Internacional. Se antes as questões de segurança (*highpolitics* ou políticas de alta densidade) exerciam um papel preponderante, agora assuntos de política de baixa densidade (*lowpolitics*) como economia, meio ambiente e direitos humanos são igualmente importantes (NOGUEIRA; MESSARI, 2005): A educação também está presente nessa dinâmica como ator que se projeta externamente de maneira independente, tornando sua participação cada vez mais significativa por meio das Instituições de Ensino Superior.

1.2 Construtivismo

Não somente aos câmbios globais se deve a variedade de intenções e estratégias que pautam os resultados de internacionalização das IES. Tampouco se deve apenas às próprias instituições. De acordo com os construtivistas, agentes e sistema internacional são co-construídos (NOGUEIRA; MESSARI, 2005). Ainda assim, para o teórico Onuf, os atores agem dentro de certos limites estruturais, de modo que "os agentes não podem

construir a instituição que querem, mas sim a instituição que podem" (NOGUEIRA; MESSARI, 2005, p.182).

Desse modo, o mundo é o que se faz dele, produto das escolhas dos agentes e, portanto, sujeito a contínuas modificações. Os atores agem de acordo com suas escolhas e preferências que, por sua vez, baseiam-se em normas e regras expostas através do discurso. É através das regras dos discursos que se compreende as ações dos atores.

Onuf (1989 *apud* NOGUEIRA; MESSARI, 2005) considera que as regras apresentam aos agentes as possibilidades de escolha, informando-lhes o que devem fazer. Ao analisar as regras dos discursos, é possível perceber o que levou um ator a se comportar de tal maneira e, assim, entende-se os atos dos agentes.

Da mesma forma, Kratochwil (1989 *apud* NOGUEIRA; MESSARI, 2005) através do conceito de ato de fala, reafirma que ao se compreender as regras que regem o discurso de tomada de decisão, pode-se entender as regras que regem a própria realidade.

É interessante perceber que durante a evolução da Internacionalização do Ensino Superior observam-se ações que variam de mobilidade internacional a internacionalização em casa, de foco em quantidade a qualidade, de cooperação para o desenvolvimento a busca de retornos financeiros. As distintas estratégias refletem os diversos propósitos, demonstrando que diferentes intenções (ou escolhas expostas nos discursos) implicam em ações e resultados que variam conforme o *stakeholder* e o tempo ou simplesmente o contexto.

Nesse sentido, o tema faz referência ainda ao debate fomentado por Wendt de que as identidades precedem os interesses e são produtos dos processos relacionais, sujeitos a mudança. Segundo o autor, os interesses também não são predeterminados e conseqüentemente, as escolhas dos agentes e suas ações também não os são. É necessário primeiramente definir quais são as identidades que vão formar tais interesses antes de supor que a identidade é previamente determinada (NOGUEIRA; MESSARI, 2005).

Desse modo, Wendt contribui com o pensamento de que existe um mundo lá fora, mas ele é socialmente construído enquanto produto das ideias e dos valores dos agentes que o constroem. As dinâmicas sociais, portanto, estão em constante mudança,

uma vez que podem ser revertidas dependendo do que os agentes queiram fazer com elas.

Apesar da ausência de explicações de fenômenos puramente internacionais (NOGUEIRA; MESSARI, 2005), o construtivismo superou a irrelevância inicial e paulatinamente passou a ser muito presente no estudo das Relações Internacionais (Ibidem). De acordo com Stuart (2004 *apud* MACHADO, 2010, p. 28), "a contribuição construtivista encontra-se na compreensão dos processos e das transformações em curso, ajudando a desvendar os fatores de mudança e as possibilidades de transformação do sistema".

É nesse aspecto que o presente estudo utiliza o construtivismo como referencial teórico. Inspiradas por regras próprias expostas nos discursos que legitimam suas ações, as IES locais que visam a oportunidades provenientes da inserção internacional podem ser consideradas exemplos de agentes que optam por ações cujos propósitos e escolhas refletem as constantes mudanças do globo. Desse modo, movidas pela realização de objetivos comuns, as Instituições do Ensino Superior criam uma nova identidade, a partir do momento que se projetam no cenário internacional. O capítulo seguinte tratará com mais detalhes acerca das motivações e estratégias que regem a internacionalização dessas instituições e que estão em contínua adaptação.

CAPÍTULO II - ATUAÇÃO INTERNACIONAL DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR

2.1 Panorama

"Are we at the beginning of a future in which we are on our way again to the universalism of learning, the revival of the cosmopolitan university of the medieval times, but within the context of a new modern world and a new age, the information age, in which society, economy and knowledge are part of a global environment, a mix of local and global influences?"(WIT, 1998, p.1)

É com esse questionamento que Hans de Wit (1998) relembra que o desejo de conhecimento e compreensão sobre outras culturas é intrínseco à criação das universidades, seja na Idade Média europeia, seja no mundo árabe. Os primórdios de um caráter internacional da educação superior, contudo, perdem espaço à medida que os Estados-Nação emergem e convertem as instituições de ensino a um instrumento de reafirmação da identidade e dos interesses nacionais, incorporando uma tendência mais isolacionista que universal. Com isso, a produção do saber volta-se a expansão colonial e razões políticas sobressaem-se:

"By copying the European models of higher education in the colonies in the Americas, Africa and Asia, the European nations were looking for political, cultural, economic and academic dominance, of which most nations and their universities are still trying to escape" (WIT, 1998, p.2)

A lógica política da educação superior adquiriu nova dimensão mediante a ascensão dos Estados Unidos como superpotência no século XX. O conhecimento do que é externo, culturas, idiomas e sistemas tornou-se estratégico para garantir a manutenção e expansão de sua influência (WIT, 1998). Tal motivação, por sua vez, cedeu espaço para a ênfase econômica após a Guerra Fria. Se antes a atividade internacional na Europa dos anos 1960 era exclusiva ao estudo de idiomas estrangeiros (CROWTHER, 2000), programas de intercâmbio e cooperação internacional do ensino e pesquisa tal qual o Erasmus surgiram como arma para fazer das economias europeias as mais preparadas para as novas demandas globalizantes.

Parcerias estratégicas entre universidades, programas de Pesquisa e Desenvolvimento conjuntos e dupla graduação eram as novas promessas para resgatar a

vantagem competitiva da Europa. Além da ênfase no desenvolvimento de novas tecnologias, uma maior atenção foi conferida ao marketing das instituições, que passam a buscar no exterior novas fontes de recurso (WIT, 1998).

O ensino, pois, retomou o papel internacional de outrora (De WIT; KNIGHT, 1995), os Estados passaram então a enfatizar a cooperação internacional, ao passo que as instituições desenvolveram suas próprias estratégias para a internacionalização da pesquisa e da aprendizagem. De acordo com a Associação de Faculdades Comunitárias Canadenses (ACCC), o grupo reconheceu a necessidade de integrar uma dimensão internacional ao currículo e atividades de pesquisa a fim de produzir graduados capacitados para trabalhar e viver em um mundo cada vez mais interdependente e contribuir para manter a competitividade tecnológica, científica e econômica do Canadá (KORNPETPANEE, 1999).

Por razões como essas, mais instituições incorporam a internacionalização às suas missões e planos estratégicos. Nos anos 70 e começo dos 80 a internacionalização em muitos países era sobretudo focada em cooperação para o desenvolvimento. Contudo, na segunda metade dos anos 1990, houve uma mudança de direção graças aos programas de bolsas e mobilidade, como o Erasmus, o intercâmbio de estudantes e professores, bem como o desenvolvimento da grade curricular, que começou a ser o motor da atividade internacional das instituições. Em alguns países como Reino Unido e Austrália, a ênfase migrou de ajuda para comércio, cobrando taxas aos estudantes estrangeiros e, ao contrário das expectativas de decréscimo, houve um aumento substancial na quantidade de alunos internacionais (CROWTHER, 2000).

Ademais, em resposta aos 90% de estudantes que, ainda com as facilidades, não poderiam participar dos programas de mobilidade, um movimento chamado *Internationalisation at Home* (Internacionalização em Casa)⁴ despontou no fim dos anos 1990, com vistas à internacionalização da grade curricular e do processo de aprendizagem dentro da própria instituição. (Ibidem)

Diversificação das fontes de renda, emergência de atores privados, massivos cursos online, aumento da competição por estudantes estrangeiros. Tudo isso caracteriza

⁴ A Internacionalização em Casa foca na internacionalização da grade curricular para todos os estudantes, sobretudo a maioria que não participa de programas de mobilidade. Tanto o currículo formal quanto informal são áreas de atenção, assim como as ferramentas que tornam possível a Internacionalização em Casa como classes internacionais, visita de palestrantes convidados e pesquisas de viés internacional.

um novo cenário em que a educação está mais orientada ao mercado, também impulsionando a internacionalização, uma vez que os graduados devem refletir competências e conhecimentos que demonstrem que são aptos a operar em um mundo mais conectado. (De WIT, 2013)

Nesse sentido, a internacionalização é identificada como a "variedade de políticas e programas que o Ensino Superior e os governos implementam em resposta à globalização" (DE WIT, 2013, p.16). Isso alterou rapidamente a percepção das universidades sobre o tema, transferindo-o da esfera de atividades marginais para um posto de maior relevância, não mais isolado aos escritórios internacionais, senão como parte da estratégia da universidade (DE WIT; HUNTER, 2013).

2.2 Conceito

As primeiras definições utilizam o termo para explicar "o processo pelo qual ensino, pesquisa e demais funções do sistema educacional tornam-se compatíveis internacionalmente e transculturalmente" (EBUCHI, 1990 *apud* De WIT; KNIGHT, 1995, p.16), como se internacionalização fosse basicamente uma frase que englobasse toda e qualquer possibilidade internacional. Foi-se, então, percebendo a necessidade de se obter um conceito mais preciso para que se possa, de fato, entender e conceber parâmetros para avançar no ensino superior. (De WIT; KNIGHT, 1995)

Somente nos anos 1990 o verbete foi utilizado com mais clareza. Até então era tratado como sinônimo de educação internacional, que se refere a uma pequena esfera dentro da internacionalização do ensino superior (De WIT, 2013). De acordo com Spaulding, Singleton e Watson (1968 *apud* ARUM; De WATER, 1992), educação internacional está associada a três áreas principais: relações internacionais e cooperação na educação, movimentos transnacionais de estudantes, professores, consultores, materiais de educação e educação para compreensão de temas globais e tolerância intercultural. Butts (1969 *apud* ARUM; De WATER, 1992), por sua vez, acredita que há dois principais propósitos relacionados à educação internacional. O primeiro é o estudo de instituições, técnicas e modos de vida de outros povos e o segundo diz respeito à transferência de ideias e materiais de uma sociedade para a outra. Já Deutsh (1970 *apud* ARUM; De WATER, 1992) acrescenta que educação internacional vem sendo utilizada como um termo genérico que inclui estudos de culturas, educação para compreensão do mundo, programas de intercâmbio educacional de estudantes e

professores, programas universitários como assistência técnica educacional e construção de instituições em países periféricos.

Por fim, Marice-Harari (1972 *apud* ARUM; De WATER, 1992, p. 196) sintetiza a definição de educação internacional:

"International education is an all-inclusive term encompassing three major strands: a) international content of the curricula, b) international movement of scholars and students concerned with training and research, and c) arrangements engaging U.S education abroad in technical assistance and education cooperation programs."

Desse modo, percebe-se que todas as explicações contemplam três principais vertentes da Educação Internacional:

1. Estudos Internacionais

Equivalente a educação para entendimento intercultural, de Singleton e Watson. O estudo das instituições, técnicas e modos de vida, de Butts. Ao estudo de culturas e educação para compreensão, de Dutsch, e à internacionalização do conteúdo do currículo, de Harari.

2. Intercâmbio Educacional

Movimentos internacionais de estudantes e professores, de acordo com Singleton e Watson. Programas educacionais de intercâmbio para alunos e professores, pela definição de Deutsch. Movimentos internacionais de acadêmicos e estudantes com fins de treinamento e pesquisa, segundo Harari.

3. Cooperação Técnica

Com base em Singleton e Watson, movimentos transnacionais de materiais educacionais, consultores e ajuda. Para Butts: transferência de instituição, ideias e materiais educacionais de uma sociedade para outra. Em Deutsch: programas universitários para assistência técnica educacional e fortalecimento das instituições em países subdesenvolvidos. Já Harari contempla educação no exterior em assistência técnica e programas de cooperação educacional.

Hans de Wit afirma em *Internationalisation of higher education, an introduction on the why, how and what* que não está claro quando ocorreu a transição do uso de

educação internacional para internacionalização do ensino superior, até porque desde os anos 1970 que já se fala em internacionalização e somente na década de 1990 que realmente existe a separação de ambos, mostrando o reflexo do aumento da importância da dimensão internacional, assim como a transferência de um grupo marginal de atividades para um processo mais bem compreendido (De WIT, 2013).

Segundo o mesmo autor as diferentes interpretações se diferenciam nos aspectos que educação internacional assume que a educação já está internacionalizada e o autor acredita que na realidade, existe um processo de internacionalização e que no final, ser internacional é muito difícil de definir. A explicação retoma à definição de Knight:

"Internacionalização é o processo de integrar a dimensão internacional ao ensino, pesquisa e funções de uma instituição de educação superior." Tomando-se por dimensão internacional "uma perspectiva, atividade ou programa que introduz ou integra uma perspectiva global às maiores funções de uma universidade ou faculdade"(KNIGHT,1993 *apud* DE WIT; KNIGHT, 1995, p.15).

No Canadá, três organizações nacionais - o Bureau Canadense para Educação Internacional (CBIE), a Associação de Universidades e Faculdades do Canadá (AUCC) e a Associação de Universidades da Comunidade Canadense (ACCC)- adotam um discurso intimamente pautado naquela definição, que se consagrou como a mais aceita: *"Internationalisation is a process that prepares the community for successful participation in an increasingly interdependent world. In Canada, our multicultural reality is the stage for internationalisation. The process should infuse all facets of the post-secondary education system, fostering global understanding and developing skills for effective living and working in a diverse world"* (KORNPETPANE, 1999, p.11).

A pesquisadora sugere ainda uma segunda alternativa para demonstrar que o processo não é algo linear ou estático, mas está em constante desenvolvimento, como um ciclo. Em *Internationalisation cycle: from Innovation to Institutionalisation* (1993 *apud* DE WIT; KNIGHT, 1995), Knight identifica 6 passos ou fases no processo de integrar a dimensão internacional a cultura e sistemas da universidade. São eles: percepção ou consciência, compromisso, planejamento, operacionalização, revisão e reforço.

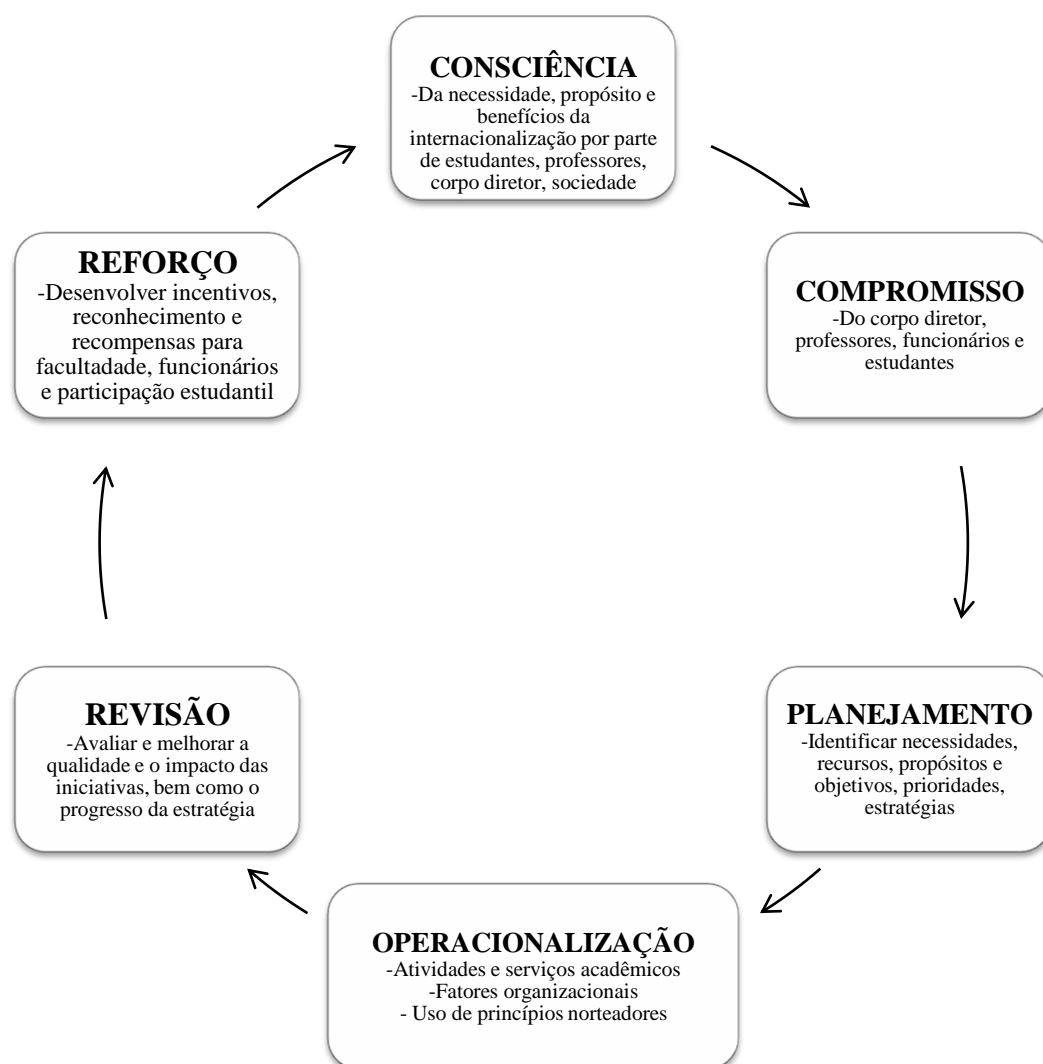


Figura 1-Ciclo da Internacionalização de Jane Knight (1993 *apud* DE WIT; KNIGHT, 1995, p.19)

A primeira etapa é criar a consciência que a internacionalização não acontecerá pelo engajamento de um pequeno grupo, sendo marginalizada e vista como excludente. Pelo contrário, há de se promover discussões por todo o campus acerca da necessidade, propósito, estratégias e benefícios da internacionalização.

Contudo, a mudança de percepção por si só não é suficiente. É importante que corpo diretor, funcionários e estudantes estejam realmente comprometidos para integrar a dimensão internacional nas funções da instituição. O compromisso é visto por meio do desenvolvimento de planos ou estratégias de internacionalização para atingir as metas tidas como prioritárias.

Em seguida, parte-se para a execução das atividades e serviços acadêmicos, guiados pelos princípios acordados anteriormente. A operacionalização precisa ser periodicamente revisada para garantir a qualidade e o impacto das iniciativas em curso. Por fim, a participação de todos os envolvidos deve ser incentivada e reconhecida com fins de reforçar a consciência acerca da internacionalização.

É importante destacar que durante a fase de revisão é possível identificar a internacionalidade e a internacionalização da instituição. O primeiro compreende o status que é possível observar na data da coleta de dados concernentes a atividades internacionais. Por outro lado, internacionalização diz respeito à direção em que uma instituição se move, de um status de internacionalidade no período X para um novo status em um tempo maior que X. O processo de internacionalização, pois, pode ser avaliado mediante a diferença entre a situação atual e o cenário desejado (BRANDENBURG et al, 2009).

Nesse sentido, internacionalização não é um fenômeno estático, mas um processo de constante evolução em que todos os envolvidos (organizações internacionais, governos, instituições de ensino superior, funcionários e estudantes) precisam compreender e interagir, estabelecendo seu próprio papel a fim de proporcionar ao Ensino Superior funções mais adequadas às demandas globalizantes, de modo a melhorar a qualidade da educação.

2.3 Motivações: internacionalizar para quê?

Suscetíveis a mudanças de contexto e região geográfica, as motivações para integrar uma dimensão internacional ao ensino superior refletem as diferenças de interesses e prioridades dos *stakeholders* que, por sua vez, implicam diferentes caminhos e resultados à internacionalização. Em estudo para a OECD (*Organisation for Economic Cooperation and Development*), Jane Knight e Hans de Wit (1995) classificaram as razões de internacionalização em acadêmica, sociocultural, política e

econômica, levando em consideração os seguintes envolvidos no processo: o setor governamental, a esfera privada e o setor educacional - subdividido em nível institucional, departamentos acadêmicos e estudantes.

Desenvolvimento do indivíduo, Interculturalismo e Mercado de Trabalho

De acordo com a Enciclopédia Internacional de Educação (1994 *apud* KORNPETPANE, 1999), a interdependência global ocasionou a necessidade de internacionalizar a educação por dois objetivos principais. O primeiro, mais idealista, era justificado pela necessidade de despertar nos jovens a tolerância e a compreensão de outras lógicas culturais, como exposto no discurso do então Diretor Geral da UNESCO, Federico Mayor, em ocasião do colóquio internacional chamado *E o desenvolvimento*:

"...the cultural function of the European university goes hand in hand not only with its humanistic search, but also with its international dimension. To develop an awareness of the interdependence of peoples and societies in today's world must be one of the basic function of the universities " (UNESCO, Paris 18-19 de junho de 1994 *apud* UNESCO, 1998)

O segundo, mais pragmático, diz respeito ao desenvolvimento de habilidades interculturais e de empregabilidade, de modo que os jovens estivessem aptos a performar em um ambiente internacional. Legotts e Stappleford (1997 *apud* JONES, 2013) afirmam que experiência internacional constitui elemento-chave de uma formação para ajudar o graduando a ser mais bem sucedido no emprego e, ainda, buscar carreiras mais internacionalmente orientadas. Conforme sua pesquisa, estudar fora desenvolve competências interculturais⁵ como flexibilidade cultural, respeito, criatividade, paciência, confiança, disposição a riscos, ensina a administrar as expectativas, além de abrir a cabeça. Do mesmo modo, habilidades de carreira tais quais

⁵ Segundo Precht (2007 *apud* Hiller; Wozniak, 2013) o indivíduo pode ter o maior conhecimento sobre culturas e até boas intenções, mas não necessariamente consegue transformá-las em comportamento. Competência intercultural é a habilidade de interagir eficazmente e apropriadamente em situações interculturais, baseadas em atitudes específicas, conhecimento intercultural, habilidades e reflexão (Deardoff, 2006). Quem é competente intercultural é consciente da própria herança cultural e da de quem ele está interagindo, condição que tem-se a consciência que pode ser um fator de potencial desentendimento ou interação pouco satisfatória.

trabalho em equipe, liderança, resolução de problemas, tomada de decisão, comunicação e networking são estimuladas⁶.

Nesse sentido, a emergência de um mercado de trabalho mais internacional, como resultado da globalização da economia, cria um cenário de competição com pessoas de outros países, ao passo que se aumentam as possibilidades de se trabalhar em um ambiente internacional, justificando a necessidade de desenvolvimento do indivíduo ainda durante a graduação.

De acordo com o relatório do Conselho Americano de Educação:

"Today, colleges and universities are asked to prepare tomorrow's citizens not for a single career but for a life of unpredictable velocity and volatility. Simultaneously, they are asked to produce graduates who are capable of communication across borders and citizens who are invested with the capacity to navigate a transparent, permeable world. Active engagement with the rest of the world has become fundamental to a high quality education, one that prepares students and their communities for the larger world in which they will live and work." American Consul on Education (American Consul on Education Report ,2012, apud De WIT, 2013, p.35).

Crescimento econômico

Outro argumento em prol da internacionalização é o crescimento econômico e investimento futuro na economia. Utilizado tanto pelo setor público quanto privado, talvez seja o principal motivo para cooperação internacional em educação superior. Assim, a internacionalização teria um efeito positivo sobre o desenvolvimento tecnológico e, conseqüentemente, crescimento econômico.

Além disso, muitos governos criam programas de bolsa para estudantes estrangeiros, na expectativa de que eles serão tomadores de decisão em seus países e relembrem positivamente o país que lhes deu a oportunidade de ser quem são agora.

Contudo, às vezes o resultado é oposto à intenção. De Wit, em "Razões para a

⁶ Em setembro de 2014 a Comissão Europeia avaliou os resultados da mobilidade do ERASMUS nos estudantes. A pesquisa intitulada "*The Impact of Erasmus: effects of mobility on skills and employability of students and the internationalisation of higher education*", demonstrou que os participantes do ERASMUS tem melhores habilidades de carreira que 70% dos estudantes que não fizeram intercâmbio. Além disso, a taxa de desemprego depois de cinco anos de graduação é 23% menor entre os alunos do ERASMUS. (BRADENBURG, 2014)

Internacionalização do Ensino Superior", fala de sua experiência, em que visualizou estudantes que retornaram com um impacto diferente do esperado pelo patrocinador:

"I always remember clearly from my own time as a student in Lima, Peru, that Peruvian students from lower income groups who had studied with a scholarship in the former Soviet Union were said to have come back as convinced capitalists, and students from rich families who had studied in the United States as the leaders of the radical left". (De WIT, 1998, p.5)

Política Externa

Razões de política externa também estimulam a internacionalização, devido à melhora da imagem do país, como uma estratégia de *softpower*⁷. Considera-se que a cooperação educacional é uma forma de investimento diplomático, trazendo simpatia e admiração pela cultura, valores e pelo sistema político do país que hospeda.

Fortalecimento Institucional

A internacionalização pode fortalecer as principais atividades de uma instituição, proporcionando iniciativas que não seriam possíveis com base nos recursos locais, tanto a complementar a grade curricular local como a incentivar pesquisas conjuntas que tornam a universidade internacionalmente reconhecida enquanto instituição de excelência, uma vez que *"international references and international exchange form part of the core thinking of modern higher education institutions. (...) International research cooperation is becoming increasingly relevant, while the labour market is becoming more and more globalised, leaving graduates with the task of finding their way on the global labour market and presenting themselves properly (BRADENBURG et al, 2009, p.66).*

Incentivos financeiros

Atividades que so parte da internacionalização como contratos educacionais, recrutamento de estudantes estrangeiros e serviços de consultoria podem ser iniciados por razões de geração de receita. Para o setor público, quanto mais estudantes

⁷ O termo introduzido por Joseph Nye conceitualiza a habilidade de um país persuadir outros a fazerem a vontade do primeiro sem que seja necessário recorrer ao uso da força ou coerção. Parceiros e apoiadores são atraídos, pois os valores culturais expostos em diversos meios - seja na indústria cinematográfica, empresas e universidades, por exemplo- são capazes de conquistar corações e mentes e, assim, traduz-se em vantagem de influência, de poder. (NYE, 2014)

internacionais pagarem mensalidades (ou taxa de estudo), maior é o retorno econômico, poupando recursos do país para investir em educação. Nos Estados Unidos, o recebimento de alunos estrangeiros é um importante ativo na balança comercial (MAYOR, 1989 *apud* DE WIT; KNIGHT, 1995).

Além disso, a emergência de novos atores de caráter privado, o aumento da competição por alunos, comercialização e *delivery* transnacionais na educação superior também faz da internacionalização uma ferramenta de geração de lucro, seja por meio do recrutamento de estudantes internacionais, seja pela satisfação dos alunos que permanecem na instituição e recomendam a terceiros. (DE WIT, KNIGHT, 1995)

Sintetizando, Knight (2008 *apud* DE WIT, 2013) sugere ainda razões emergentes a nível nacional e institucional. Aquela abrange desenvolvimento de recursos humanos, alianças estratégicas, geração de lucro, comércio, construção de nação e desenvolvimento sociocultural para entendimento mútuo. Já a última é voltada para posicionamento de marca internacional, melhoria da qualidade, participação nos padrões internacionais, geração de lucro, desenvolvimento de estudantes e funcionários, alianças estratégicas e produção de conhecimento.

Os incentivos à internacionalização são amplamente influenciados pelo papel e ponto de vista de vários *stakeholders*: setores público e privado, instituições, estudantes. Contudo, em meio a tantos focos, não se deve deixar de perceber que a atividade central do ensino superior é a aprendizagem do estudante. Nas palavras de Atbach e McGill Peterson (1998 *apud* DE WIT, 2013, p.37): "*no matter what shape the internationalisation process takes at a given institution, student learning must remain a central core*".

Compreendendo-se que a internacionalização do ensino superior pode oferecer benefícios para vários atores, o presente texto prossegue identificando quais estratégias são utilizadas para fazer esse processo virar realidade, ao passo que se pesquisa o modo como as funções internacionais são implementadas nas instituições.

2.4 Estratégias

Uma crítica que Knight recebeu de Wachter (2000) é que sua definição de internacionalização não deixa explícito em que consiste o processo, no sentido de expor mediante a quais meios ensino, pesquisa e demais funções das instituições se tornam

internacionais. Assume-se que existe um consenso sobre isso, mas a questão permanece acerca de quais atividades importam e quais são excluídas quando se fala de internacionalização do ensino superior.

O modo como uma instituição se internacionaliza depende se a intenção busca uma internacionalização institucional ou se é voltada ao estudante (JONES, 2013). Se o foco é na performance institucional, as ações que convergem para a melhora da reputação da instituição, para o ganho econômico de recrutamento internacionais e para o desenvolvimento de parcerias são as estratégias. O sucesso é medido pela presença em rankings globais e, portanto, internacionaliza-se através da colaboração internacional para pesquisa, redes internacionais de parceiros e estatísticas de estudantes e funcionários em programas de intercâmbio.

Porém, se o cerne de atividades está voltado para o aprendizado dos estudantes através da internacionalização, o processo segue em direção ao desenvolvimento de competências interculturais através de estudo no exterior ou da internacionalização do currículo na própria instituição (Internacionalização em Casa).

Desse modo, as principais estratégias que implementam uma dimensão internacional ao ensino superior dizem respeito a inovações no currículo, programas de estudo no exterior, intercâmbio de estudantes e funcionários, estudo de idiomas estrangeiros, iniciativas de pesquisa conjunta e treinamentos interculturais (DE WIT; KNIGHT; 1995) As atividades precisam de revisão periódica, além de que seja analisado o impacto delas na experiência do estudante e na qualidade da instituição.

Nesse sentido, diante do contexto da economia do conhecimento global, a internacionalização ganha destaque na agenda da educação superior, estando intimamente conectada a inovação, interdisciplinaridade e interculturalidade (DE WIT, 2013b). A próxima sessão visa a esclarecer como internacionalização e qualidade se relacionam.

2.5 Internacionalização e Qualidade

Internationalization has become an indicator for quality in higher education. (De WIT, 2013, p.128)

Existe muito debate em torno dessa frase. Sob a influência da globalização, da interdependência das nações e da sociedade da informação, a educação superior exerce um papel fundamental no fortalecimento das competitividades econômica, científica e tecnológica, uma vez que são produtos de uma força de trabalho altamente qualificada e da pesquisa aplicada. Nesse sentido, a contribuição da internacionalização para a qualidade se dá através de aquela ser uma ferramenta propícia ao desenvolvimento de mão de obra apta a participar de um ambiente de trabalho mais internacional, ao mesmo tempo que conquistam critérios acadêmicos internacionais de excelência. (KNIGHT, 1999)

Por essas razões, a internacionalização está relacionada a qualidade acadêmica. Contudo, o relatório da Associação Europeia para Educação Internacional (EAIE, 2010) aponta que muito estudos afirmam que ainda não existem provas concretas da influência da internacionalização na qualidade da educação. As pesquisas dedicadas ao impacto da mobilidade estudantil sobre as competências interculturais, pois, não gerariam conclusões suficientes, tendo em vista que a maioria apenas considera a percepção dos próprios alunos.⁸

De um lado, expõe-se que alguns estudos consideram a presença de estudantes internacionais como uma maneira positiva de influenciar a qualidade educacional em sala, uma vez que costumam ser alunos de excelência. Outras pesquisas, por outro lado, demonstram a possibilidade de estudantes estrangeiros influenciarem negativamente na qualidade, devendo-se ao fato de as instituições estarem mais interessadas na geração de lucro, em detrimento dos critérios de seleção para admissão. Nesse sentido, o informe

⁸ O Centro para o Ensino Superior (CHE) é uma consultoria alemã voltada às necessidades das instituições de ensino superior. CHE desenvolveu uma metodologia exclusiva que mede e analisa a contribuição da mobilidade acadêmica para o estudante. O método foi utilizado inclusive para avaliar os resultados do ERASMUS, publicado pela Comissão Europeia no relatório: *"Effects of mobility on the skills and employability of students and the internationalization of higher education institutions"*. CHE utiliza a metodologia *memo* que combina fatores como tolerância a ambiguidade, confiança, curiosidade, autoconhecimento, resolução de problemas e habilidades de tomar decisões. Esses aspectos são avaliados através de questionários antes e depois da experiência no exterior. Ademais da satisfação, a metodologia analisa o real desenvolvimento através do índice *memo*.

da EAIE declara que para que um programa ou uma instituição seja considerada de boa qualidade, depende do objetivo que a entidade pretende alcançar. (EAIE, 2010)

Seja por conta da diversidade de propósitos e estratégias, seja pela crescente importância da Internacionalização do Ensino Superior, evidencia-se a necessidade de instrumentos capazes de garantir a qualidade da internacionalização com fins de assegurar os resultados propostos por esse tipo de iniciativa. De acordo com Hans de Wit (2013b), é importante determinar exatamente o que os estudantes estão aprendendo através dos esforços de internacionalização e o quão efetivos são os programas da instituição no que tange ao alcance dos resultados de aprendizagem estabelecidos.

Apesar da clara necessidade, a maior parte das IES permanece relutante em avaliar as suas estratégias de internacionalização devido ao tempo que se leva para tanto. Coloca-se ainda que as ferramentas que permitem a verificação não possuem certificado, pondo a avaliação em segundo plano. (EAIE, 2010)

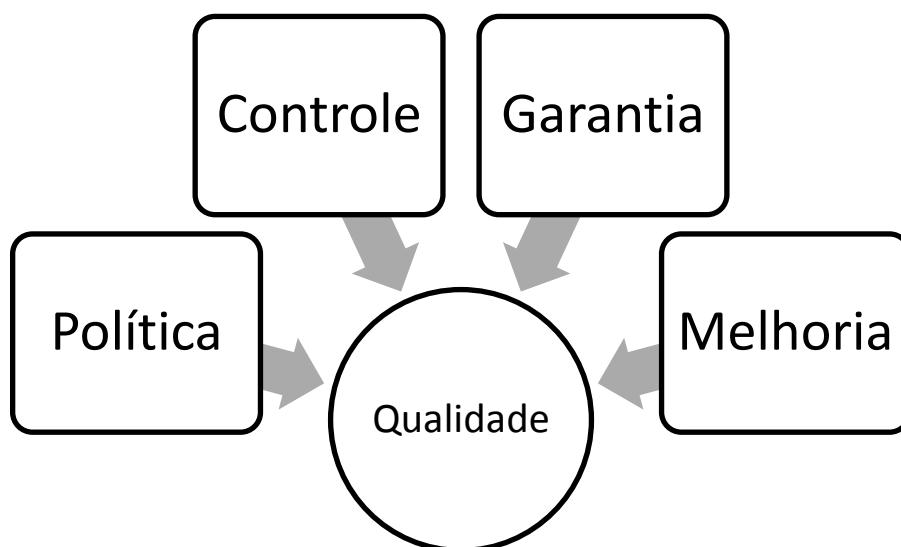
Contudo, a demanda por garantia de qualidade e resultados concretos por parte de estudantes, professores, administradores das instituições e governos nacionais, assim como a influência de rankings internacionais evidenciam que a mensuração do sucesso das iniciativas está progressivamente se tornando um item urgente na agenda dos profissionais de internacionalização. (WIT, 2013b)

Nessa direção, o segundo capítulo do relatório da EAIE discorre sobre o que é garantia de qualidade. O termo, pois, se refere aos processos planejados que oferecem a externos a confiança que precisam para acreditar que o produto ou serviço é de qualidade. Em outras palavras: *"Quality assurance is about giving trust to stakeholders or students about quality. Accreditation⁹ is a tool used to give this trust"* (EAIE, 2010, p.6)

Aponta-se ainda a existência de um desnível entre as expectativas de qualidade dos estudantes e os padrões de qualidade postos pelas instituições, assim como entre a qualidade percebida pelos estudantes e a qualidade realmente oferecida. Tendo em vista

⁹ Acreditação no Ensino superior é uma espécie de garantia de qualidade na qual serviços e operação de instituições do ensino superior são avaliados por externos com fins de determinar se os critérios de qualidade são cumpridos. Em caso afirmativo, é fornecido o status de acreditado. Na maior parte dos países, essa é uma função de um órgão governamental, como o Ministério da Educação

esses aspectos, a qualidade é garantida enquanto resultado dos seguintes processos que constituem um sistema de qualidade:



- **Política de Qualidade:** Apresenta os padrões de qualidade do produto ou serviço que, por sua vez, deixam claro quais são as expectativas de qualidade, bem como as ações necessárias para atingi-las.
- **Controle de Qualidade:** Representa o esforço contínuo por atingir os critérios de qualidade ou os requisitos do cliente.
- **Garantia de Qualidade:** Como dito anteriormente, são os processos que garantem ao consumidor a confiança na qualidade do produto ou serviço
- **Melhoria de Qualidade:** Significa uma melhora contínua na efetividade das ações.

Aplica-se tal sistema à internacionalização com fins de analisar se as IES estão realmente provendo os serviços esperados, ao mesmo tempo em que se ganha mais clareza acerca dos pontos fortes e fracos do programa ou da instituição e, por fim, os procedimentos de qualidade, sobretudo a acreditação, transparecem informações aos estudantes, pais e aos futuros empregadores que, caso contrário, continuariam sem o devido conhecimento. Em suma, *"quality assurance can secure funding, lead to improvement of processes or results and produce information for future students and employers."* (EAIE, 2010, p.14)

A partir das observações sobre a garantia de qualidade na internacionalização, Hans de Wit (2013b) sugere que seja desenvolvido um sistema de certificação de internacionalização ao nível de programa, devendo-se considerar as seguintes características como comuns à avaliação:

- Indicar o que já foi atingido com a internacionalização e prover incentivos para a melhoria
- Não se deve focar em uma atividade específica, mas abranger toda a dimensão (o porquê, o como e o quê da internacionalização)
- Deve-se focar em como a internacionalização contribui para a qualidade geral, através de indicadores qualitativos como visão, conteúdo, serviços e resultados, utilizando ainda aspectos quantitativos tais quais características dos funcionários, professores e estatísticas de mobilidade enquanto elementos de apoio.

A diversidade do contexto não pode ser esquecida. Existem diferentes tipos de instituição, níveis de educação e ambientes institucionais, locais, nacionais, regionais. De acordo com Wit (2013b), os instrumentos para avaliação do processo de internacionalização têm de reconhecer essas diferenças e serem capazes de contextualizar.

Por fim, a condição primordial para assegurar a qualidade ou a necessidade da internacionalização é a clara visão de quais objetivos deverão ser atingidos (EAIE, 2010), pois é a partir do que se propõe com a internacionalização que são traçadas as estratégias que levarão aos resultados esperados. A tabela abaixo esclarece como a diversidade de objetivos em diversos níveis direciona as ferramentas e os efeitos da internacionalização.

Tabela 1 Motivações e Estratégias para a Internacionalização do Ensino Superior

		Objetivos da Internacionalização	Instrumentos e Estratégias	Resultados/Efeitos
MACRO	Internacional	Paz Mundial	Bolsas	Integração Social
		Crescimento Econômico	Harmonização dos sistemas educacionais e da avaliação de qualidade	Sistema educacional competitivo no mercado global
	Nacional	Mão de obra altamente qualificada	Recrutamento internacional	Educação e Atração de estudantes qualificados
MESO	Institucional	Atração de mais e melhores estudantes e professores	Convênios com parceiros internacionais	Posicionamento/e Construção da Reputação
MICRO	Programa	Melhoria da qualidade da educação	Internacionalização em Casa	Satisfação do estudante, apreciação da reputação e aumento do número de alunos
	Estudantes	Experiência de aprendizado relevante	Estudar fora, estágios internacionais	Enriquecimento pessoal e melhores oportunidade de emprego

Mediante tais aspectos, a internacionalização pode ser vista como um processo de mudança educacional com vistas a melhoria da qualidade da educação. Dessa forma, as perguntas-chave de avaliação da internacionalização são: Por quê internacionalizar, como internacionalizar e o que se quer atingir com a internacionalização.

São justamente essas as perguntas norteadoras do próximo capítulo. Pretende-se, pois, pesquisar e compreender como as Instituições de Ensino Superior que oferecem bacharelado em Relações Internacionais se posicionam frente ao próprio processo de internacionalização, bem como se as iniciativas de projeção além-fronteiras nacionais impactam positivamente na qualidade da formação do estudante.

CAPÍTULO III - INTERNACIONALIZAÇÃO DAS IES DE PERNAMBUCO QUE OFERTAM BACHARELADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Proporcionar ao estudante uma experiência de aprendizagem que o conduza a melhores oportunidades de carreira, elevar a qualidade da educação e atrair profissionais de excelência com vistas à melhoria da reputação da entidade de ensino e consequente aumento de potenciais alunos, fomentar o desenvolvimento de uma mão de obra nacional qualificada e globalmente competitiva, promover a tolerância e a flexibilidade cultural como via para um mundo mais pacífico. Esses são alguns dos principais benefícios que justificam a Internacionalização do Ensino Superior. Apesar disso, é comum observar certas instituições ignorando essa nova dinâmica ou sendo consumidas pela necessidade de rápida adaptação às mudanças globais. (OTTEN, 2013).

A corrente pesquisa se propõe, portanto, a investigar qual a realidade da Internacionalização do Ensino Superior no estado de Pernambuco. Parte-se do pressuposto que caso as instituições de ensino não estejam presentes, executando ações para proporcionar um ambiente intercultural de aprendizagem, estudantes, professores, a própria instituição e até o país e a comunidade internacional não desfrutarão dos benefícios da internacionalização e tão logo poderão vir a sofrer consequência negativas por não se adaptarem ao ritmo global, distanciando-se dos critérios de competição institucional e profissional.

Optou-se por entidades que ofertam o curso de bacharelado em Relações Internacionais porque tanto o curso, ao oferecer os fundamentos e os instrumentos analíticos para organizar o conhecimento sobre o meio internacional e os fenômenos a ele associados, quanto o mercado de trabalho, associado a atuação internacional de empresas, setor público e terceiro setor, tornam o estudante de Relações Internacionais agente e alvo principal das demandas globalizantes. Por essa razão, acredita-se que se a internacionalização é importante para o ensino superior, o é em maior dimensão para quem lidará diretamente com assuntos globais.

Nesse contexto, o principal objetivo é pesquisar como as instituições de ensino superior de Pernambuco que oferecem bacharelado em Relações Internacionais se posicionam frente ao processo de internacionalização do ensino superior e assim, investigar quais as prioridades dos responsáveis pelo planejamento e execução da

internacionalização, quais estratégias são aplicadas, bem como a efetividade delas na contribuição para a qualidade da instituição e da aprendizagem do aluno.

O primeiro curso de bacharelado em Relações Internacionais (R.I) em Pernambuco surgiu em 1998 ¹⁰ na então Faculdade Intergrada do Recife (FIR), hoje Estácio Recife. Em seguida, a Faculdade Damas da Instrução Cristã iniciou as operações na área no ano de 2005. Somente em 2009, a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) abre vagas para dupla graduação em Ciência Política e Relações Internacionais que, posteriormente, foi alterado para graduação em Ciência Política com ênfase em Relações Internacionais. Também nesse ano a ASCES de Caruaru tem seu curso autorizado pelo Ministério da Educação ¹¹. Este trabalho, portanto, contribui com a análise do processo de internacionalização das três primeiras instituições.

3.1 Metodologia

Existem inúmeras ferramentas para mensurar ou avaliar a internacionalização do Ensino Superior. A NUFFIC ¹² expõe mais de 20 instrumentos para diversos propósitos relacionados ao tema. O presente trabalho se baseia no *Framework* desenvolvido pela *Accreditation Organisation of the Netherlands and Flanders (NVAO)* e no *Checklist* de Internacionalização de Sandra Reeb-Gruber, da Universidade de INHolland.

A escolha se deu pela aplicabilidade do guia à coleta de dados locais e por questão de complementaridade de ambos. Os dados foram obtidos através de entrevistas pessoais com os encarregados pela atividade internacional das instituições, questionários *online* com alunos dessas IES, publicações impressas e virtuais.

¹⁰ Relatório de Autoavaliação Institucional da Estácio Recife (2012)

¹¹ Fonte: Website da ASCES. Disponível em http://asces.edu.br/?p=ensino_curso&idcurso=7. Acesso em 04 dez. 2014

¹² NUFFIC é uma organização sem fins lucrativos holandesa que promove a internacionalização do ensino superior, da pesquisa e da educação profissional na Holanda e no exterior, colaborando para a melhoria do acesso ao ensino superior no mundo. Desse modo, a NUFFIC ajuda estudantes e acadêmicos holandeses a obter experiência internacional, bem como atrai talentos internacionais para a Holanda, pois acredita que são essenciais para a posição de liderança do país, como uma economia baseada no conhecimento. Fonte: Website de NUFFIC. Disponível em <http://www.nuffic.nl/en>. Acesso em 04 dez. 2014

3.1.1 O Framework

Os especialistas que elaboraram o *framework* da NVAO estabeleceram três princípios norteadores baseados na visão sobre a internacionalização, no impacto na qualidade geral do programa e nos resultados de aprendizagem (DE WIT, 2013b).

No que diz respeito à visão, esta pode ser explícita - por exemplo em uma declaração de política de internacionalização - ou implícita em acordos de programas conjuntos ou demais publicações. O programa ofertado deve ainda fazer com que a internacionalização aconteça no intuito de impactar a sua qualidade em geral, deixando claro como isso acontece e não permitindo que a mesma se torne um fim em si mesmo. Estabelece-se ainda que a visão a respeito da internacionalização deve ser transferida para os resultados esperados da aprendizagem.

Tal operacionalização precisa refletir critérios relacionados ao ensino oferecido, ao modo como as aptidões dos funcionários são adequadas a internacionalização, como os estudantes são engajados e aos serviços necessários ao funcionamento das atividades internacionais. Em resumo, o framework da NVAO foca nas seguintes questões:

1. O que se quer atingir com a internacionalização?
2. Por que a internacionalização vai contribuir?
3. Como a internacionalização se traduz em resultados para aprendizagem, ensino, funcionários, serviços e estudantes?

A partir disso, os seguintes critérios avaliativos foram formulados: visão sobre a internacionalização, resultados na aprendizagem e no ensino, funcionários e, por último, estudantes.

1. Visão sobre a internacionalização

1.1 Visão compartilhada: Funcionários e demais envolvidos nas iniciativas devem apoiar a visão.

1.2 Objetivos verificáveis: A visão deve incluir mensuráveis de sucesso. Por exemplo: Um programa tem o objetivo de envolver os alunos em uma sala de aula internacional. Quantos alunos estrangeiros serão necessários e qual deverá ser a variedade de nacionalidades?

1.3 Avaliações para melhoria: A visão deve ser avaliada periodicamente com a finalidade de constatar se os objetivos iniciais foram alcançados ou não, os motivos que

levou o programa a isso e como melhorar.

2. Resultados na aprendizagem

2.1 Resultados esperados: As competências internacionais e interculturais derivam da visão acerca da internacionalização.

2.2 Avaliação dos alunos: Os métodos avaliativos devem ser apropriados para mensurar se foram obtidos os resultados esperados em termos de aprendizagem intercultural.

3. Ensino e Aprendizagem

3.1 Currículo: O conteúdo e a estrutura curricular possibilita a aquisição dos resultados esperados de aprendizagem internacional e intercultural.

3.2 Métodos de Ensino: Possibilitam a aquisição dos resultados esperados de aprendizagem internacional e intercultural.

4. Funcionários

4.1 Composição dos Funcionários: A composição dos funcionários facilita a aquisição dos resultados esperados de aprendizagem internacional e intercultural.

4.2) Experiência e competências internacionais: Os funcionários possuem suficiente experiências internacionais, competências interculturais e domínio de idiomas.

4.3) Serviços oferecidos aos funcionários: Treinamentos, capacitações e intercâmbio de funcionários estimulam o desenvolvimento de experiências internacionais, competências interculturais e domínio de idiomas.

5. Estudantes

5.1 Composição dos estudantes: A diversidade de origens nacionais e culturais está alinhada com a visão da internacionalização.

5.2 Experiência Internacional: A experiência internacional obtida pelos estudantes se adequa à visão de internacionalização.

5.3 Serviços oferecidos aos estudantes: Informações, aconselhamento, orientação, apoio a a acomodação estão alinhados com as necessidades dos alunos.

3.1.2 O Checklist da InHolland University

Para mensurar a qualidade da internacionalização, o *checklist* da Universidade InHolland avalia as esferas de Estratégia e Liderança, de Networking e Acreditação, Intercâmbio e Mobilidade, Intervenções e Relações Corporativas, Funcionários, Estudantes, Pesquisa e Transferência de Conhecimento. Estabelece-se, pois, uma escala de 1 a 5 para cada critério e partir disso a instituição é alocada na realidade mais próxima à sua. A ferramenta pode ser visualizada nos anexos dessa pesquisa.

Dessa forma, foi elaborado um questionário similar ao anexo proposto pelo *framework* da NVAO, com alguns acréscimos oriundos do *checklist* da InHolland. Em seguida, foram coletadas as respostas dos responsáveis pela internacionalização das instituições para então aplicar as ferramentas de avaliação e, por fim, chegar-se a uma compreensão mais clara acerca de como as IES que ofertam o curso de bacharelado em Relações Internacionais se comportam frente à própria internacionalização.

3.2 Coleta e Análise dos Resultados

3.2.1 Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Os primórdios da Universidade Federal de Pernambuco datam da criação da Faculdade de Direito, fundada em 1827 por um decreto do Imperador Dom Pedro I¹³. Inicialmente localizada em Olinda, a Faculdade foi em 1912 transferida para o histórico edifício onde se encontra até hoje no bairro da Boa Vista. Em 1946 já haviam sido criadas também as Faculdades de Engenharia, de Farmácia e Medicina, de Filosofia e a Escola de Belas Artes. Dois anos mais tarde teve início a construção do campus da Cidade Universitária.

Em quase duzentos anos de história, a UFPE é uma das universidades públicas mais reconhecidas nacionalmente e a melhor dentre as regiões Norte e Nordeste, de acordo com a avaliação do Ministério da Educação (MEC) e do Ministério de Ciência e Tecnologia (MCT). Segundo o reitor, Anísio Brasileiro: "A UFPE é uma comunidade de cerca de 45 mil pessoas formada por estudantes, professores e demais funcionários que compõe 103 cursos de graduação, 129 de pós graduação e mais de 520 grupos de pesquisa em todas as áreas do conhecimento"¹⁴

¹³ Catálogo Internacional da UFPE. Recife: 2014

¹⁴ Catálogo Internacional da UFPE. Recife: 2014

A universidade tem 8 cursos avaliados pela CAPES¹⁵ com a nota 6, sendo 7 a nota máxima, e dentre eles está o de Ciência Política¹⁶. A graduação em Ciência Política com ênfase em Relações Internacionais da UFPE recebeu, em 2012, a nota máxima 5 pela avaliação do MEC.¹⁷

O Ranking Internacional de Universidades QS¹⁸ posiciona a UFPE além do 700º lugar na avaliação mundial¹⁹ e no 43º considerando somente a América Latina. No Ranking de Universidades da Folha,²⁰ ocupa a 10ª colocação geral e a 35ª colocação no ranking de internacionalização atrás da Universidade Federal da Bahia, Universidade Estadual de Santa Cruz (Bahia), Universidade Federal da Paraíba e Universidade Federal de Sergipe.

Aplicação da Metodologia

¹⁵ A Capes tem como objetivo principal subsidiar o MEC na formulação das políticas de pós-graduação, coordenando e estimulando - mediante a concessão de bolsas de estudo, auxílios e outros mecanismos - a formação de recursos humanos qualificados para a docência em grau superior, a pesquisa e o atendimento da demanda profissional dos setores públicos e privados.

¹⁶ Fonte:

https://www.ufpe.br/agencia/index.php?option=com_content&view=article&id=44348:graduacao-em-ciencia-politicarelacoes-internacionais-da-ufpe-recebe-nota-maxima-do-mec&catid=33&Itemid=72

Acesso em 04 dez 2014

¹⁷ O Ministério da Educação avalia de acordo com três dimensões: corpo docente, projeto pedagógico e infraestrutura.

¹⁸ QS *World University Rankings* são rankings anuais que posicionam as melhores universidades no mundo, sendo um dos rankings mais influentes e observados ao lado do *Times Higher Education World University* e do *Academic Ranking of World Universities*. O Ranking QS utiliza uma metodologia baseada em sete fatores que refletem fortalezas e prioridades:

1.Revisão por acadêmicos

Correspondendo a até 40% da pontuação, é baseada em uma pesquisa feita com acadêmicos do mundo inteiro acerca das melhores universidades nos campos que eles conhecem.

2.Razão de estudante por professor (até 20% da nota)

3. Citações por professor (até 20% da nota)

Significa que o número total de citações em cinco anos é dividido pelo número de acadêmicos da instituição

4. Revisão dos recrutadores

Enquete com recrutadores que empregam a nível global ou em uma significativa escala nacional

5. Orientação Internacional (até 10% da pontuação)

Medida pela porcentagem de estudantes e professores internacionais

¹⁹ A Universidade de São Paulo é a IES brasileira mais bem avaliada, na 137ª posição.

²⁰ O Ranking Universitário da Folha busca medir a qualidade das instituições de ensino superior brasileiras, em suas diferentes missões, partindo de metodologias utilizadas em rankings internacionais, mas com adaptações para o cenário nacional em cinco grandes áreas: ensino (32% da nota), inserção no mercado de trabalho (18%), pesquisa (40%), inovação (4%) e internacionalização (6%). O último indicador é medido por número de publicações internacionais que citam a universidade, produção científica de coautoria internacional e proporção de professores estrangeiros pelo número de docentes.

A coleta de informações se deu, sobretudo, a partir da colaboração de Suzana Rebeca da Silva Lima, técnica em assuntos educacionais e responsável pela mobilidade *outgoing* (de estudantes da UFPE para o exterior) do departamento de Cooperação Internacional da UFPE e da diretora adjunta de Relações Internacionais e presidente da Associação Brasileira de Educação Internacional (FAUBAI²¹) nos anos de 2008 a 2010, Suzana Queiroz de Melo Monteiro. Também foram utilizados materiais informativos de publicação da universidade.

O departamento de Cooperação Internacional foi criado, efetivamente, em 1998, pelo então Reitor Prof. Mozart Neves Ramos, primeiramente denominada Assessoria de Cooperação Interinstitucional e Internacional. Atualmente conta com uma estrutura de 11 funcionários divididos nas seguintes áreas: mobilidade de brasileiros, mobilidade de estrangeiros, comunicação, convênios, acadêmico, banco de dados e coordenação. Essa última composta por duas coordenadoras com funções de representação em eventos, feiras, workshops, bem como resolução de questões mais específicas, estrategicamente direcionando a equipe para atividades tidas como prioritárias pela instituição.

A UFPE tem como missão "promover um ambiente adequado ao desenvolvimento de pessoas e à construção de conhecimentos e competências que contribuam para a sustentabilidade da sociedade, através do ensino, pesquisa, extensão e gestão"²². Uma vez que na sociedade da informação o conhecimento desempenha um papel fundamental na produção de riqueza e na contribuição para o bem-estar e qualidade de vida dos cidadãos, a universidade busca inserir qualidade, inovação e comprometimento em suas atividades como meio para que se cumpra seu papel na sociedade. A internacionalização da pesquisa e dos recursos humanos vem sendo promovida como plataforma impulsionadora desses três norteadores.²³

Guiada pelos valores universais da solidariedade entre povos e continentes, da defesa dos direitos humanos, do combate a todas as formas de discriminação e da

²¹ FAUBAI, Associação Brasileira de Educação Internacional, criado em 1988, reúne mais de 180 gestores ou responsáveis por assuntos internacionais e promove a integração e a capacitação dos gestores da área – por meio de seminários, workshops e reuniões regionais e nacionais - além de divulgar a diversidade e as potencialidades das IES brasileiras junto às agências de fomento, representações diplomáticas, organismos e programas internacionais.

²² Fonte:

https://www.ufpe.br/ufpenova/index.php?option=com_content&view=article&id=56&Itemid=260

Acesso em 04 dez 2014

²³ Fonte: Catálogo Internacional da UFPE. Recife: 2012

promoção de uma cultura internacional de paz, a UFPE compreende três principais objetivos para a internacionalização: o aumento da mobilidade estudantil bilateral, a ampliação de alianças com universidades de renome e o estabelecimento de cursos com formação conjunta ou duplo-diploma²⁴. Dessa forma, observa-se que a Universidade Federal possui uma visão acerca da internacionalização que está de acordo com seus propósitos e apresenta mensuráveis claras de sucesso, representadas pela mobilidade, alianças estratégicas e programas de formação conjunta.

Apesar de apresentada no documento, nem todos os envolvidos no processo de internacionalização têm acesso a essa visão explícita, porém pode-se dizer que alguns compreendem-na implicitamente. A Cooperação Internacional entende o próprio papel como fomentador da excelência no ensino e na pesquisa. Reconhece-se a internacionalização como pré-requisito para que a UFPE figure entre as melhores instituições e como meio de formação de profissionais mais adequados às demandas e oportunidades de um mundo conectado. Para os responsáveis, através da atuação internacional, o aluno da UFPE pode estudar novas e diferentes perspectivas, complementando a grade curricular, ter uma experiência intercultural, ampliar a visão de mundo, de modo a agregar maior diferencial à carreira e a colaborar na formação humana do aluno. Nesse sentido, observa-se que a mobilidade internacional ocupa um papel de destaque, assim como o posicionamento da instituição.

Ainda sobre o apoio à visão, alguns professores não colaboram como poderiam para que a experiência do estudante estrangeiro e brasileiro se traduza em qualidade, inovação e comprometimento. Esses educadores acreditam que um aluno internacional deve ser tratado da mesma forma que um nativo, pois subentende-se que ele já veio preparado, contudo, sabe-se que estudantes internacionais têm especificidades próprias em termos de adaptação à cultura, ao idioma e ao método de ensino. Entende-se ainda que a interculturalidade precisa ser fomentada pelo líder na sala de aula tanto para que haja inclusão dos alunos estrangeiros como para que os alunos brasileiros possam também obter uma experiência internacional como parte da Internacionalização em Casa.

Com o intuito de melhorar a compreensão dos envolvidos no processo, o departamento de Cooperação Internacional organiza reuniões com os coordenadores dos

²⁴ Fonte: Catálogo Internacional da UFPE. Recife: 2012

cursos para que orientem os professores acerca da postura perante as iniciativas de internacionalização. Além disso, a assessoria frequentemente organiza eventos voltados aos estudantes para difundir temas relacionados.

No que tange ao critério de resultados da aprendizagem, os quais devem desenvolver competências interculturais, não se sabe se essas características são adquiridas porque o método de avaliação mensura as notas, considerando apenas a experiência acadêmica - não existe mecanismo que possibilite analisar a evolução dos alunos e estabeleça indicadores de qualidade. Porém, existe um projeto de que um professor será responsável por estabelecer um contato mais próximo com os estudantes, demonstrando esforços para que a experiência como um todo seja levada em consideração.

Quanto ao ensino e à aprendizagem, objetiva-se perceber se a estrutura curricular e os métodos de ensino possibilitam a aquisição dos resultados de aprendizagem esperados. A Cooperação Internacional não julga o mérito da disciplina, função concebida ao coordenador do curso.

A respeito da composição dos professores e funcionários do departamento, todos os professores têm mestrado ou doutorado e como o domínio de idiomas é requisito para a entrada em programas de pós-graduação, a tendência é que os professores da UFPE dominem ao menos um segundo idioma. A maior parte já participou de congressos internacionais e estudou fora, enquanto boa parte já realizou pesquisa conjunta com parceiros no exterior. Quanto aos funcionários do escritório, quase todos dominam um segundo idioma e possuem experiência internacional. À parte das reuniões com os coordenadores dos cursos, não são oferecidos demais serviços, como capacitações, que venham a contribuir para o desenvolvimento de competências interculturais nos professores.

O último critério a ser debatido é o de Estudantes. O Programa de Mobilidade Internacional foi lançado em 1999 trazendo um único estudante. Já em 2013, a UFPE recebeu 84 alunos internacionais. Ao todo a universidade já hospedou 972 estudantes de 31 nacionalidades distintas, sendo a maioria alemães, portugueses, franceses, espanhóis, colombianos e americanos. Desde a criação do curso de graduação de Ciência Política com ênfase em Relações Internacionais em 2009 a UFPE ainda não recebeu nenhum aluno estrangeiro matriculado no curso. Contudo, é comum os alunos elegerem um

curso, mas estudarem matérias de outro, inclusive Ciência Política. Esse tipo de dado não é contabilizado. Os cursos mais procurados pelos alunos internacionais (graduação e pós) são Ciências Sociais, Engenharia Civil, Ciência Política, Direito e Engenharia da Computação.

Em termos de mobilidade de brasileiros que buscam uma experiência internacional de estudo (*outgoing*), cerca de 4200 alunos já participaram do programa de mobilidade nos últimos 15 anos. Interessante notar o avanço da quantidade de alunos por conta do incentivo governamental com o Programa Ciência Sem Fronteiras. Em 2011, quando a iniciativa não havia sido lançada, a UFPE enviou 212 estudantes ao exterior e em 2013, o número subiu para 588 - quase três vezes mais. Entre os cursos não contemplados pelo CsF, administração e direito se destacam. Sete estudantes de Ciência Política com ênfase em Relações Internacionais participaram do programa de mobilidade nos últimos cinco anos.

A Europa emerge como o principal parceiro por conta de alianças já consolidadas, enquanto os convênios com a região da América Latina são mais recentes. Para programas de graduação, incluindo dupla graduação, a UFPE tem convênios com mais de 125 universidades oriundas de 25 países. A maioria das alianças são realizadas por meio de professores que já foram ou estão no exterior e, portanto, têm um contato mais próximo. Outras formas derivam do contato iniciado pelas universidades estrangeiras.

Para o aluno brasileiro, a universidade proporciona experiências de intercâmbio para estudo, que pode contemplar estágio dependendo do curso, vinda de palestrantes estrangeiros, projetos de pesquisa conjunta - em sua maioria, iniciativa dos próprios alunos de pós-graduação. Quanto aos serviços de apoio, a Cooperação elaborou um manual que esclarece a maioria das dúvidas e orienta quanto à documentação necessária. O departamento não informa sobre os destinos e universidades adequadas, pois o próprio aluno já apresenta a sua escolha, porém intermedeia a comunicação entre a instituição estrangeira e o aluno no que diz respeito a acomodação - que fica a cargo da IES do exterior- além de convidar os selecionados para participar de orientações gerais, desde vida acadêmica até a facilitação do convívio em um contexto intercultural. Não existe um acompanhamento mais próximo enquanto o aluno se encontra no exterior, apesar de haver a intenção.

O suporte ao aluno estrangeiro se dá a partir da recepção, onde na acolhida são apresentados os serviços mais importantes da universidade (refeitório, biblioteca, carteira para desconto no transporte etc), além do vídeo institucional. Existe um programa de apadrinhamento em que o aluno da UFPE fica responsável por auxiliar o intercambista na adaptação cultural e acadêmica. A experiência não é proativamente acompanhada pelo departamento, senão quando informado da existência de algum problema, o escritório interfere. Somente no fim da experiência, momento em que a universidade deve emitir um documento de partida, existe o interesse em saber como foi a experiência. As avaliações tanto das mobilidades *outgoing* como *incoming* são obtidas através do histórico escolar durante o período.

3.2.2 Estácio do Recife

A Estácio é uma das maiores organizações privadas de ensino superior em número de alunos matriculados. Presente em todos os estados e no distrito federal, a instituição conta 4.564 colaboradores administrativos e com um corpo docente de 7.719 professores. São oferecidos 86 diferentes cursos presenciais e a distância de Graduação e Graduação Tecnológica nas áreas de Ciências Exatas, Ciências Biológicas e Ciências Humanas, além de 110 cursos de Pós-Graduação *latu senso*, cinco cursos de Mestrado e três cursos de Doutorado. Em 1998 a Estácio, originária do Rio de Janeiro, inicia sua expansão nacional. Em Recife, foi sócia fundadora da então Faculdade Integrada do Recife (FIR) e em 2009 assumiu a administração da FIR. que passa a ser Estácio do Recife ou Estácio FIR.

A missão da Estácio é integrar academia e gestão para oferecer uma educação transformadora ao maior número de pessoas, criando impacto positivo para a sociedade. Orientada pelos valores de foco no aluno, meritocracia, inovação, resultado, ações simples e rápidas, ética, excelência e hospitalidade, a instituição almeja em 2020 ser reconhecida como a melhor opção em Educação Superior para alunos, colaboradores e acionistas.²⁵

Diante dessas considerações, percebe-se que a internacionalização da IES está bastante conectada ao que a faculdade se dispõe, contudo em uma visita à página da internet da instituição a única referência que é feita a alguma iniciativa de

²⁵ Fonte: <http://portal.estacio.br/> Acesso em 04 dez 2014

internacionalização diz respeito ao programa federal Ciência sem Fronteiras. Exceto isso, não há menção quanto ao tema na parte de benefícios, na de vantagens ou mesmo na de oportunidades. Assim, pode-se inferir em uma primeira análise, que a Estácio não coloca a internacionalização como um diferencial explícito, não atentando para o fato de que o protagonismo internacional pode aumentar consideravelmente seu reconhecimento enquanto melhor opção de Educação Superior e, logo, deixando-a mais próxima de sua visão.

Apesar dessa não exposição, existem funcionários trabalhando pela internacionalização da Estácio. A sede do Rio de Janeiro concentra o maior número de atividades, sendo responsável pela pesquisa e prospecção de parceiros, estabelecimento de convênios, trâmites de documentação a nível nacional, além de direcionar para quais entidades locais os alunos estrangeiros irão. Em Recife, a atuação é mais relacionada a informações, o aluno já escolhe o destino, a faculdade orienta em termos de próximos passos, documentação e disciplinas. A finalização do processo ocorre na sede nacional.

Há quatro meses a professora Cinthya Campos assumiu como a responsável pelas atividades internacionais, até então o próprio coordenador do curso exercia a função de interligar os estudantes às oportunidades no exterior. Segundo Cinthya, a Estácio Recife considera estratégico e relevante intensificar os esforços de internacionalização devido aos objetivos de fazer com que o intercâmbio acadêmico deixe de ser algo esporádico e comece a fazer parte da cultura da faculdade - uma vez que está claro os benefícios de complementaridade da grade curricular e do domínio de idiomas estrangeiros - bem como apoiar universidades no exterior com vistas a receber alunos internacionais e ampliar o programa de bolsas.

Nesse sentido, nota-se que, apesar de não ser explicitamente declarada à comunidade acadêmica, existe a compreensão do que se quer alcançar com as atividades de internacionalização. A performance é mensurada através do aprofundamento da mobilidade internacional e adesão dos estudantes. Existem parcerias ativas²⁶ com instituições no Chile, na Espanha e em Portugal, todas permitem a transferência de créditos²⁷, possibilitando que os estudos no exterior sejam aproveitados

²⁶ Por parcerias ativas, foram considerados os convênios que efetivamente proporcionaram mobilidade nos últimos dois anos. A finalidade é não contabilizar parcerias que não são colocadas em prática.

²⁷ Transferência de crédito no ensino superior é o procedimento de garantir crédito ao estudante para uma experiência educacional ou curso realizado em uma outra instituição.

aqui. De acordo com o coordenador geral de Relações Internacionais do Brasil, Jacques d'Adesky, trata-se de um legado de convênios firmados no âmbito da “antiga” Estácio que continuaram funcionando por já existirem.

Quanto aos resultados na aprendizagem, os estudantes têm opções de estudar temas mais focados em áreas específicas do globo e, por meio da análise de fatos do dia a dia e de uma teoria associada a exemplos práticos, permite-se o desenvolvimento de competências tais quais visão global e flexibilidade cultural, trazendo discussões de viés humanista. Reconhece-se, pois, a existência de tentativas a respeito, porém, a mudança também é de caráter pessoal.

Os métodos avaliativos baseiam-se no boletim de notas, que segundo os responsáveis, não é suficiente para avaliar a aquisição de competências interculturais, contudo existem ideias de implementar uma espécie de contrapartida na qual o estudante que participou do programa de mobilidade possa compartilhar com a comunidade o que aprendeu.

Praticamente todos os professores têm fluência em idiomas estrangeiros e experiência internacional, seja de estudo, pesquisa ou conferências internacionais. A iniciativa que possa ajudar os professores a aprimorarem suas competências internacionais é um benefício financeiro para a participação de eventos científicos em âmbito regional, nacional e internacional. Interessante comentar que em 2012 a instituição fez uma autoavaliação e tal aspecto foi a única menção que pode-se relacionar a internacionalização.²⁸

No quesito estudantes, apesar do conhecimento de que a instituição já recebeu alunos estrangeiros para outros cursos e já enviou alunos para estudar no exterior, não se sabe ao certo a composição de alunos estrangeiros e o coordenador geral de Relações Internacionais no Brasil também não possui dados estatísticos a respeito dos alunos que foram beneficiados pelos programas de intercâmbio. Acerca do acompanhamento, pretende-se implantar um formulário de feedback para saber o que foi bom e o que pode ser melhor na experiência tanto de brasileiros no exterior quanto de futuros intercambistas estrangeiros.

²⁸ Relatório de Autoavaliação Institucional da Estácio Recife (2012)

3.2.3 Faculdade Damas da Instrução Cristã

Atualmente oferecendo os cursos de Relações Internacionais, Administração, Direito e Arquitetura, a Faculdade Damas da Instrução Cristã surgiu em 2005, com a missão de "formar profissionais-cidadãos tecnicamente capazes e socialmente comprometidos com o bem comum, dotados de pensamento crítico e predispostos a utilizar o saber científico e tecnológico nos limites da ética e dos valores cristãos, de forma a contribuir para a consolidação da Sociedade da Informação e o desenvolvimento da Economia do nosso País."²⁹

Dessa forma, a *raison d'être* da Faculdade Damas está intimamente ligada às motivações de internacionalização do Ensino Superior, uma vez que, como já apresentado nos capítulos anteriores, a formação de mão de obra com experiência internacional relevante justifica investimentos a níveis macro (internacionais, nacionais), meso (institucionais) e micro (programa e estudantes).

De acordo com Cláudio Cintra Bezerra Brandão, coordenador de pesquisa e pós-graduação e responsável final pela atividade internacional da Faculdade Damas, a internacionalização já é uma iniciativa desde o início, a partir da assinatura de convênios com a Universidade de Salamanca, na Espanha, em 2005.

Reconhece-se a importância da internacionalização como forma de aproximar o estudante do contato com a pesquisa e que a experiência vem sendo positiva, uma vez que possibilita a interação intercultural e a ampliação da visão global do aluno, já que o mesmo terá que adaptar-se às diferenças de ambientes. Segundo Brandão, "antes de tudo, é uma experiência de vida".

De acordo com o mesmo, as possibilidades internacionais englobam todos os cursos e o coordenador de cada curso é responsável por encaminhar projetos, inclusive as iniciativas de internacionalização. Perguntou-se, pois, que tipos de projetos voltados a internacionalização geralmente são recebidos, contudo, o coordenador geral não pode responder por considerar informação privilegiada.

²⁹ Fonte: <http://faculdadedamas.edu.br/> Acesso em 04 dez 2014

Dessa forma, não há conhecimento público acerca da visão que a Faculdade Damas pretende alcançar com a internacionalização, o que dificulta o envolvimento e a adesão de todos os *stakeholders* que se envolvem no processo, uma vez que os próprios estudantes não têm conhecimento e não se sabe se os professores também o tem para poder aplicar. Nesse contexto, se existe um planejamento que garanta a sustentabilidade das iniciativas internacionais, a mensuração da performance das iniciativas que são colocadas em prática é feita mediante a avaliação do Ministério da Educação (MEC).

A respeito dos resultados na aprendizagem e condições de ensino, os métodos de avaliação do estudante não contemplam a aquisição de competências interculturais, devido ao fato de estas não estarem dispostas nas diretrizes curriculares nacionais.

Dentre os serviços oferecidos a professores, com vistas a ajudá-los a desenvolver competências internacionais, os mesmos podem submeter projetos que, se forem aprovados, podem ter ajuda financeira como estímulo a participação de conferências internacionais, além de cartas de encaminhamento. De acordo com o coordenador de Relações Internacionais, Thales Castro, o corpo docente tem fluência em mais de um idioma e cerca de metade dos mestres e doutores têm experiência internacional.

No quesito estudantes, a Faculdade Damas tem convênios com as Universidades de Salamanca, Valladolid e Pontificia na Espanha, que possibilitam intercâmbio aos alunos de Relações Internacionais, dentre outros cursos. Além disso, existem cursos de curta duração - um deles realizado em 2008 para a Universidade de Salamanca- e em 2010, na Universidade de Coimbra- que acabaram se estendendo para Relações Internacionais, sendo iniciados em Direito. Segundo Castro, existem intenções de ampliação do período de estudo no exterior para um semestre. De acordo com a Faculdade Damas, essas parcerias "revelam muitas oportunidades de aprimoramento para os futuros internacionalistas e os nossos docentes em um cenário de crescente interdependência e cooperação interinstitucional".³⁰

Dentre os serviços oferecidos, a internacionalização permite o intercâmbio de estudantes para estudo, mas não está incluso intercâmbio com estágio. A cada biênio, o aluno egresso pode participar do Programa Erasmus Mundus e, assim, fazer um mestrado na Europa. Através dessa iniciativa, três africanos e um europeu participaram

³⁰ Fonte: <http://www.faculdedamas.edu.br/> Acesso em 04 dez 2014

de um semestre da pós graduação e uma aluna inglesa e outra maltesa cursaram um semestre da graduação pelo programa de mobilidade.

A Faculdade traz palestrantes internacionais e existem projetos de pesquisa conjunta para o curso de Direito. Uma dela, inclusive, resultou em um livro sobre direitos humanos, em parceria com pesquisadores de Lisboa, publicado pela editora Atlas. As pesquisas também são publicadas nas revistas da faculdade

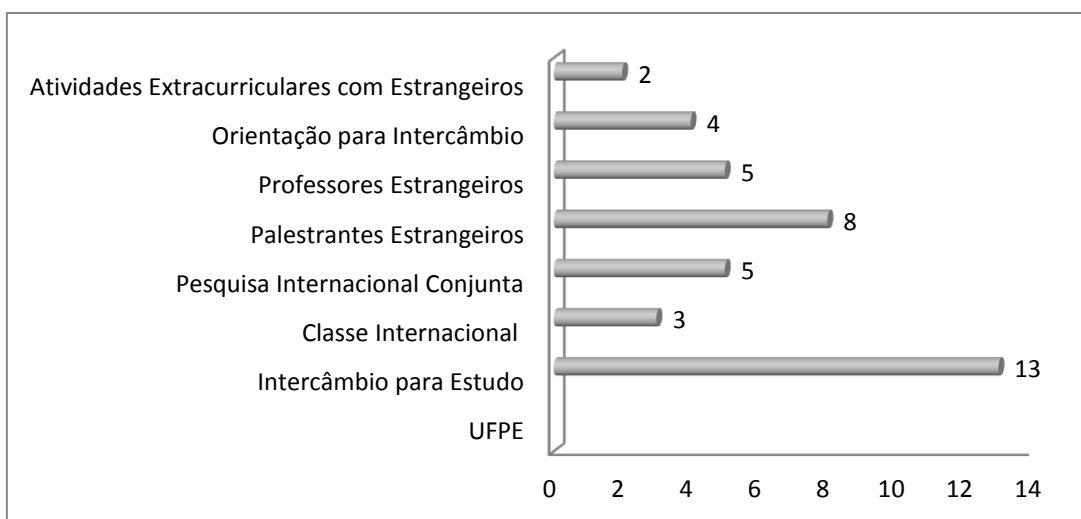
Como apoio, os estudantes internacionais que possam vir ao Damas são preparados pela própria instituição estrangeira e os participantes do Erasmus Mundus são selecionados para bolsas de acomodação. Os estudantes brasileiros que venham a estudar no exterior são avaliados através da submissão de exames. Não existe acompanhamento durante a realização.

3.3 Impacto nos estudantes

A pesquisa procurou ainda ouvir os estudantes, com o intuito de perceber qual é o real impacto da internacionalização que eles reconhecem, encontrando similaridades e diferenças entre os discursos das instituições e os de seu alunos. Ao total, 50 questionários foram respondidos, sendo 28 de alunos da Faculdade Damas, 13 da UFPE e 6 da Estácio Recife. Principalmente no âmbito das duas últimas, reconhece-se a insuficiência quantitativa e, por essa razão, os dados são trazidos sob um formato acessório. A presente pesquisa concluiu interessante mencionar, pois ainda assim foi possível obter padrões nas respostas.

Inicialmente, perguntou-se quais os serviços de internacionalização que os alunos reconheciam que a IES oferecia, com o objetivo de perceber quais das atividades de internacionalização se destacam. Na UFPE, a maioria citou intercâmbio para estudo, seguido de palestrantes estrangeiros. A pesquisa internacional conjunta aparece depois, empatada com professores estrangeiros. Os serviços de orientação de intercâmbio e classe internacional são pouco citados.

Figura 2 Percepção do aluno: Serviços de Internacionalização ofertados pela UFPE



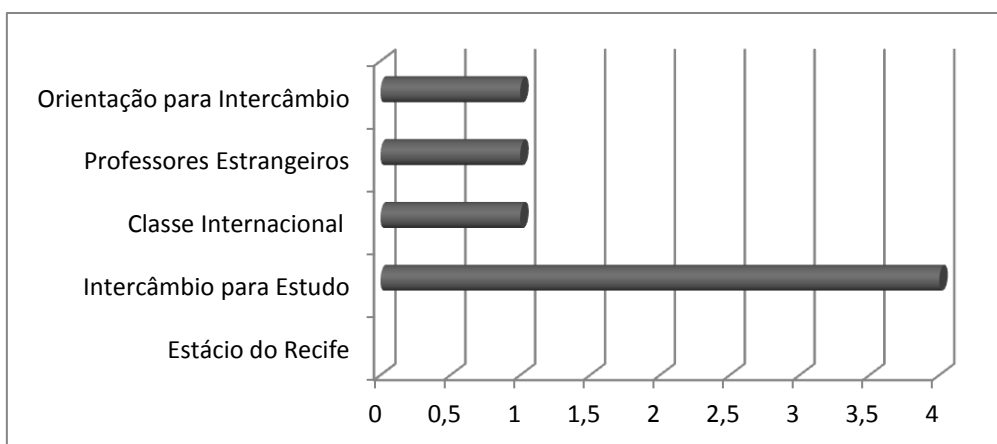
Já na Faculdade Damas, os alunos reconhecem a existência de palestrantes estrangeiros e disciplinas em inglês. Intercâmbio para estudo surge também, mas com bem menos destaque que os dois primeiros. Não houve nenhuma citação sobre orientação para intercâmbio.

Figura 3 Percepção do aluno: Serviços de Internacionalização ofertados pelo Damas



Na Estácio Recife, a atividade mais reconhecida foi o intercâmbio para estudo. As demais não foram muito lembradas.

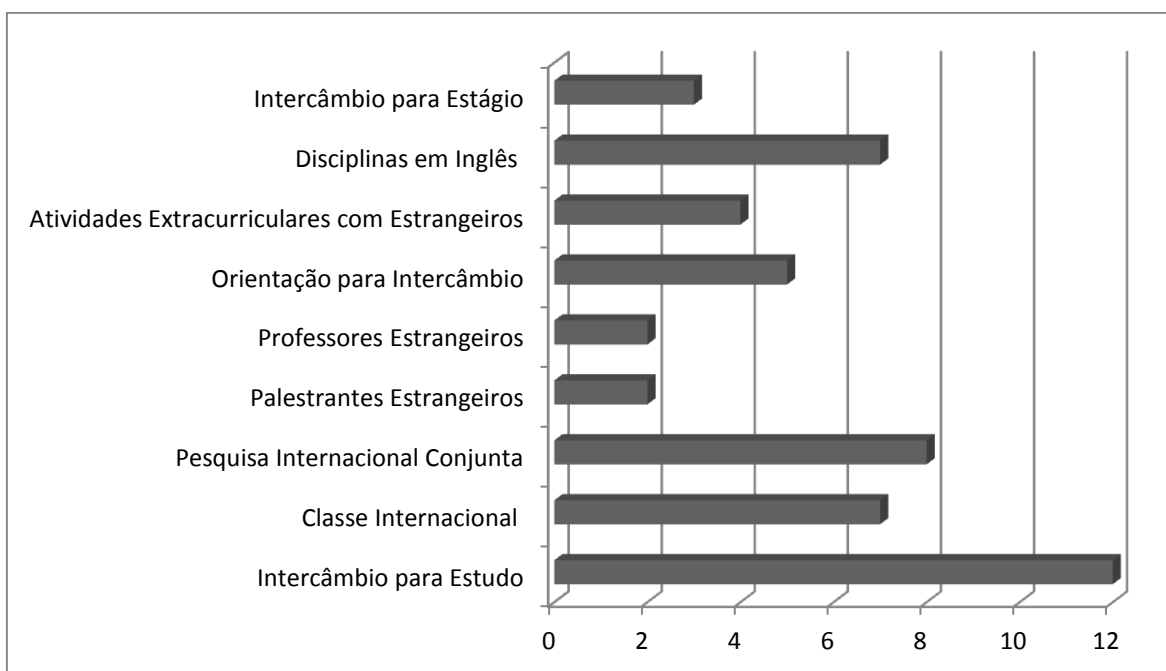
Figura 4 Percepção do aluno: Serviços de Internacionalização ofertados pela Estácio Recife



Com o intuito de avaliar quais os serviços de internacionalização os estudantes valorizam mais e, assim, comparar com o que as instituições oferecem, pode-se visualizar se as IES consideram as atividades que mais trazem benefícios na opinião dos alunos na formulação de suas prioridades.

Os alunos da UFPE atribuem maior importância ao intercâmbio para estudo, seguido de pesquisa internacional conjunta e disciplinas em inglês. Estudar em uma classe internacional e ter orientação para intercâmbio também são considerados relevantes.

Figura 5 Percepção do aluno: Atividades de internacionalização por importância (UFPE)



Os estudantes do Damas consideram intercâmbios para estudo e intercâmbios para estágio como os serviços que mais lhes trariam retornos em termos de desenvolvimento e preparação para o mercado de trabalho. Pesquisa internacional também é muito considerada. Palestrantes estrangeiros e disciplinas em inglês, que foram reconhecidos como as principais ferramentas de internacionalização oferecidas na faculdade, não foram muito citados, como pode ser visto no gráfico seguinte.

Figura 6 Percepção do aluno: Atividades de internacionalização por importância (Damas)

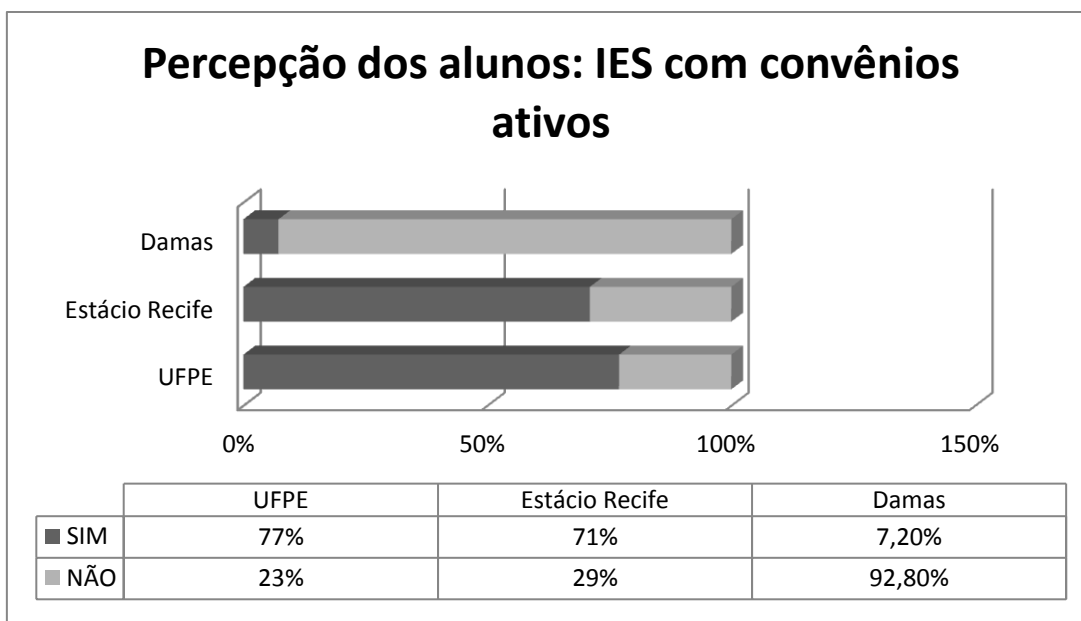


Para os estudantes da Estácio Recife, disciplinas em inglês obtiveram o maior grau de relevância. Isso pode ser justificado, pois a grade curricular não apresenta matérias lecionadas em idiomas estrangeiros. Segue-se, pois, os intercâmbios de estudo. Palestrantes estrangeiros e pesquisa internacional conjunta foram outros mais citados.

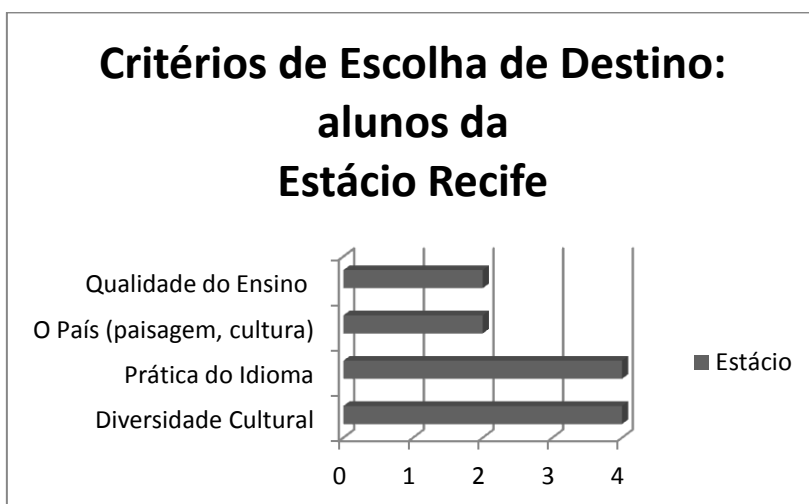
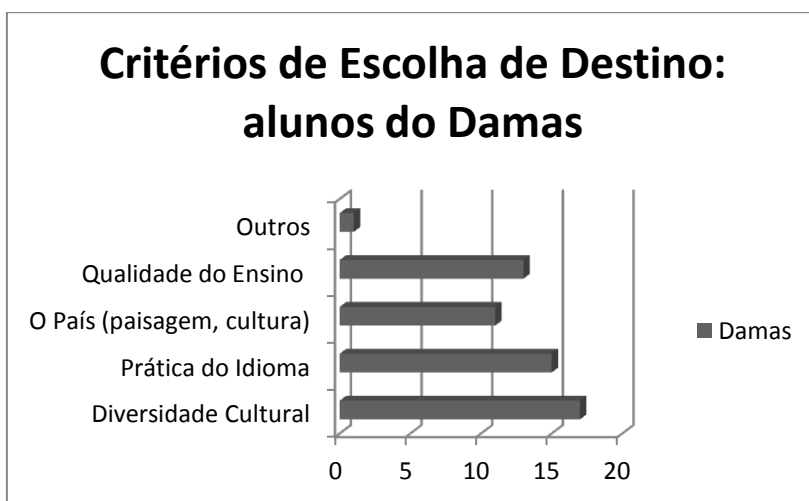
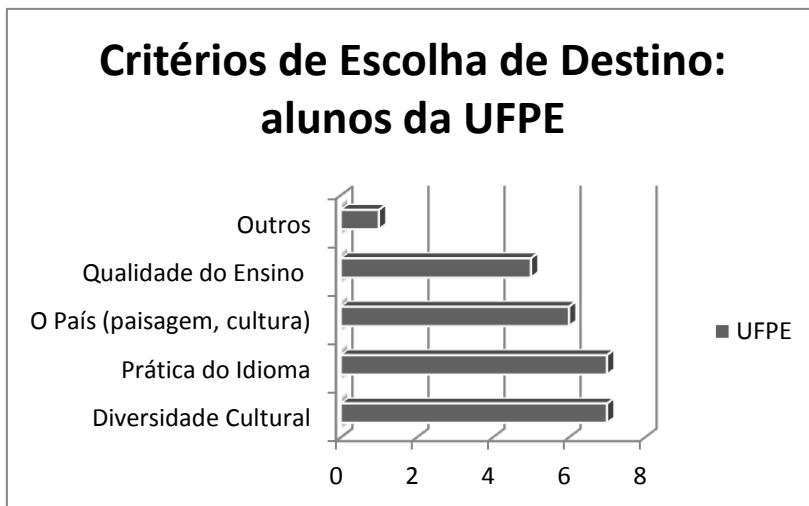
Figura 7 Percepção do aluno: Atividades de internacionalização por importância (Estácio Recife)



Considerando o intercâmbio para estudo como o serviço que esteve consideravelmente presente em todas as instituições na avaliação de importância, os alunos foram questionados acerca da existência de convênios ativos, isto é, convênios que saíram do papel e que realmente proporcionaram experiências relevantes aos alunos nos últimos dois anos.



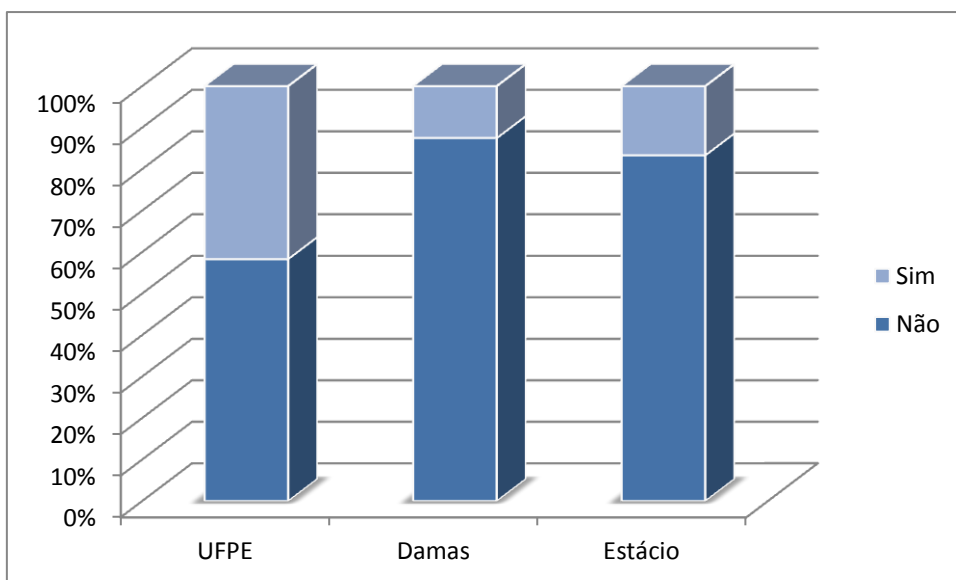
Os estudantes foram ainda questionados sobre os critérios que os mesmos utilizam durante a escolha de um destino de estudo. Em todas as instituições, a diversidade cultural e a prática do idioma despontaram como os principais motivos. O custo de vida, categoria incluída em Outros, praticamente não foi mencionado.



A Percepção dos alunos acerca da experiência internacional de seus professores também foi analisada. Em todas as instituições, a maioria reconhece que mais da metade dos seus professores tiveram uma experiência internacional academicamente e profissionalmente relevante. Entre os alunos que declararam que menos da metade dos professores vivenciaram um contato mais profundo com o exterior, a maior parte foi de alunos do Damas, seguidos pela Estácio. Essa afirmação foi pouco comum na UFPE.



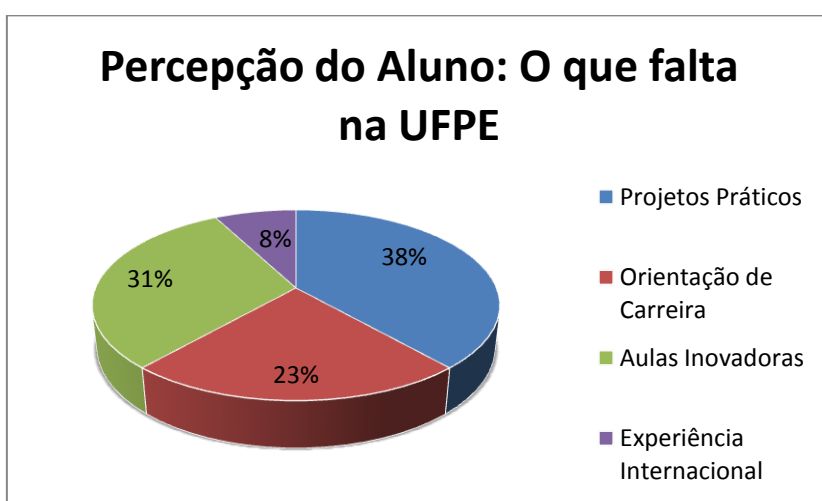
Os estudantes foram ainda questionados sobre se sentiam preparados para o mercado de trabalho. No Damas, 84% dos entrevistados não se sentem aptos a assumir uma posição de trabalho. Esse número é bem próximo da avaliação da Estácio, no qual 83,3% dos participantes também não se dizem preparados. Na UFPE, esse número cai para 54%.



Dentre as justificativas, os alunos do Damas que se dizem preparados o atribuem a experiências fora da faculdade. Já na Estácio, quem afirma positivamente, apresentou um discurso de grade multidisciplinar alinhada às demandas do mercado. Na UFPE, entidade com maior satisfação, os alunos dizem que no que estão se propondo a trabalhar, pesquisas e métodos, sentem-se dotados de conhecimento suficiente.

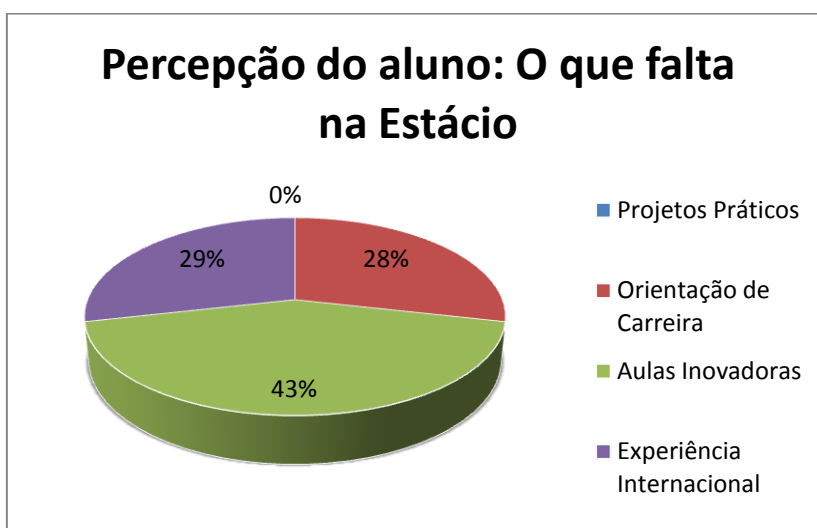
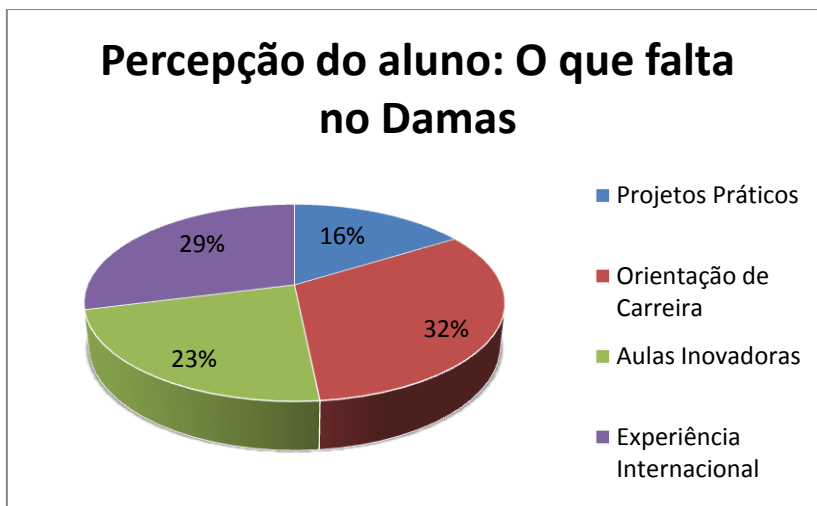
Sobre esse ponto é interessante notar que a percepção do aluno sobre a contribuição da faculdade para prepará-lo vai de encontro ao alinhamento de expectativas atribuídas à instituição. De acordo com as respostas, quem participa do curso da UFPE e aceita o viés acadêmico se diz satisfeito, já quem espera aprender uma função aplicada, que possa levar para empresas e demais setores, demonstra uma opinião contrária. Os alunos que se disseram satisfeitos na Estácio, mencionaram a adequação ao mercado que mais demanda conhecimentos internacionais em Recife: comércio exterior. Quem não se sente preparado, reclama que falta direcionamento de carreira e oportunidades diferentes das de comércio exterior. Os estudantes do Damas sentem falta de informações sobre o mercado, o que impacta no grau de satisfação, uma vez que começam um curso sem muita clareza do que lhes é proposto.

Diante do tema, perguntou-se ao final o que os alunos mais sentem falta na instituição. Os estudantes da UFPE gostariam de ter mais projetos práticos e aulas inovadoras. Orientação de carreira também é bastante considerada. A experiência internacional é o fator que eles demonstram maior satisfação.



Na Faculdade Damas, os alunos acreditam que precisam de maior orientação de carreira e de experiência internacional. Já na Estácio, os estudantes gostariam de aulas

mais inovadoras. A experiência internacional também aparece como aspecto que os alunos gostariam que fosse mais incentivado.



3.4 Análise

Ao aplicar a metodologia da NVAO e da Universidade InHolland, revela-se que as Instituições do Ensino Superior ofertantes do curso de bacharelado em Relações Internacionais em Pernambuco são motivadas a se projetarem internacionalmente por motivos que incluem o desenvolvimento do indivíduo enquanto cidadão e enquanto força de trabalho que cotidianamente precisa conviver em uma realidade intercultural. Sobretudo a UFPE e a Faculdade Damas destacam motivações em termos de

contribuição para o desenvolvimento econômico e informacional do país. Razões de fortalecimento institucional e excelência são quase que unicamente apontadas pela Universidade Federal de Pernambuco.

Considerando que, de acordo com Jones (2013), se o objetivo é o desenvolvimento do aluno, as estratégias mais efetivas são as que envolvem inovações no currículo, programas de estudo no exterior, intercâmbio de estudantes e funcionários, estudo de idiomas estrangeiros, iniciativas de pesquisa conjunta e treinamentos interculturais. Do mesmo modo, se a meta é a presença em rankings de excelência, os meios que garantem mais destaque são a colaboração internacional para pesquisa, redes internacionais de parceiros e estatísticas de estudantes e funcionários em programas de intercâmbio. Percebe-se, pois, que as IES escolheram prioridades e estratégias que são, em parte, alinhadas com o resultado esperado. Tanto a UFPE como a Estácio Recife dizem atuar seguindo os direcionamentos da visão acerca da internacionalização, apesar de nenhuma das entidades demonstrarem revisá-las periodicamente.

As ferramentas mais utilizadas para promover a internacionalização do Ensino Superior variam de acordo com a instituição. A UFPE se destaca na quantidade de oportunidades de intercâmbio para estudo com transferência de crédito, no apoio burocrático e intermediário da comunicação do estudante com a universidade estrangeira, bem como em esforços para pesquisa conjunta. A Estácio do Recife apresenta convênios que são postos em prática, no âmbito do intercâmbio para estudo de brasileiros no exterior. Já a Faculdade Damas é reconhecida pelos palestrantes estrangeiros e por disciplinas ensinadas em outros idiomas. Todas afirmaram possuir algum tipo de colaboração para professores que participam de eventos no exterior.

Apesar dos esforços, não se pode deixar de comentar que a internacionalização nas instituições analisadas anda a passos lentos, sobretudo nas privadas. Os baixos indicadores e a descontinuidade da mobilidade estudantil não contribuem para a execução de atividades mais inovadoras ou o melhor aproveitamento das já existentes.

De fato, existe um grande debate acerca da quantidade versus qualidade (DE WIT, 2013). Por um longo tempo as IES limitaram-se ao recrutamento de estudantes internacionais, por razões financeiras ou por métricas de marketing, enquanto o objetivo final deveria ser pela real contribuição da internacionalização para o ensino e a aprendizagem do estudante. Porém, é verdade também que se a IES envia ou recebe

um, dois ou até nenhum aluno, a pouca relevância questiona a necessidade ou a possibilidade de intensificação das atividades internacionais.

Essa também é uma realidade da UFPE, pois, se deixarmos de ver os números absolutos e encararmos as proporções, perceberemos que em 15 anos de atividade, a população de alunos internacionais compreende cerca de 3,3% da atual quantidade de alunos de graduação. Já a mobilidade *outgoing* representa em 15 anos 15% da comunidade de alunos de graduação e excluindo-se os números do Programa Ciência sem Fronteiras, iniciativa do governo federal, aproximadamente 13,2% até o ano passado. Em outras palavras, se em 2012 a UFPE enviou 212 estudantes ao exterior, isso corresponde a apenas 0,72% do universo de graduandos.

Esse tipo de avaliação sequer é possível com a Estácio Recife e a Faculdade Damas, por conta de déficits na gestão da informação, que é perdida conforme alteram-se os responsáveis pela internacionalização ou divergentes de acordo com o interlocutor. Isso é melhor sistematizado na UFPE, pois existe uma função focada em banco de dados que, claro, só é possível devido ao volume de operações.

A discussão não se restringe a temas de mobilidade. Nenhuma das três demonstrou acompanhamento efetivo para garantir que a internacionalização não fosse um fim em si mesmo, mas realmente contribuísse para a qualidade dos serviços ofertados. A experiência internacional dos professores nem sempre é utilizada no programa, os métodos de ensino não consideram as necessidades e perspectivas de alunos internacionais - portanto, não é garantido compromisso com a aprendizagem dos mesmos- nem que os recursos interculturais de uma classe internacional serão bem aproveitados pelos estudantes brasileiros. No que tange à facilitação, somente a UFPE provê informações claras em outros idiomas acerca dos procedimentos de admissão e da vida acadêmica.

Os programas das disciplinas não consideram o desenvolvimento de competências interculturais que, inclusive, não são avaliadas. São praticamente nulas as disciplinas lecionadas em um idioma estrangeiro - pré-requisito para qualquer internacionalista- e materiais internacionais em inglês têm bem menos primazia que os traduzidos. Excetuando-se a UFPE, os alunos não reconhecem os esforços das instituições para proporcionar oportunidades de pesquisa internacional conjunta e de oportunidades de estágio internacional - apesar de as IES afirmarem que ofertam ou

priorizam isso em sua visão. Ademais, a experiência internacional não é avaliada e as formas de acompanhamento são insuficientes.

Uma característica comum é a reatividade ou passividade no exterior ou interior das entidades. Por uma limitação a nível nacional, a Estácio Recife praticamente não atua em pesquisa e prospecção de parcerias, restringindo sua atuação a um caráter informativo, atualmente de acordo com a demanda, porém existe o interesse de organizar-se eventos para a divulgação, o que é fundamental para que a instituição realmente inclua a experiência internacional como parte de sua cultura.

A Faculdade Damas, apesar de ter convênios firmados, parece não perceber que a falta de orientação sobre como se aplicar, o baixo número de participantes e até modalidades restritas a cursos de verão faz com que 92,8% dos entrevistados afirmem que a instituição não possui convênios ativos ³¹ para o curso de Relações Internacionais em comparação com 29% dos entrevistados da Estácio Recife e 23% dos da UFPE.

Já nessa última, com frequência os estudantes têm acesso a eventos informativos, além das notícias da página *online* da Cooperação Internacional. A passividade é, em parte, visualizada no fato de que as parcerias mais efetivas são as mais tradicionais, demonstrando ou certa inabilidade em fazer com que as alianças mais recentes, geralmente com a região da América Latina, realmente aconteçam com a mesma relevância que as antigas ou porque o papel de prospecção é concentrado em professores que tiveram experiência no exterior. Pode-se dizer ainda que é uma passividade em parte porque existem pessoas responsáveis por essa função, contudo não se sabe se elas realmente incorporam como responsabilidade sua o papel de conexão com novas oportunidades no exterior. Todavia, como de Wit (2003) reconhece tal qual um mito da internacionalização, grande quantidade de convênio não necessariamente implica em relevância. Mais importante do que ter novas parcerias, é tirar do papel as já estabelecidas.

A principal vantagem da UFPE é que existe uma estrutura preparada para a execução das atividades de internacionalização, enquanto nas outras a tarefa ainda se concentra nas mãos de uma pessoa que é um coordenador ou um professor e, por ter que

³¹ Considera-se convênios ativos aqueles em que houve a realização de intercâmbio nos últimos dois anos.

constantemente administrar várias demandas, pode não colocar a internacionalização como prioridade diária.

Os alunos da UFPE estão também mais próximos de reconhecer os serviços oferecidos, o papel da internacionalização na pesquisa e no ensino. Entretanto, talvez seja interessante acompanhar mais de perto a atuação dos professores que são as pontes com universidades estrangeiras ou rever se a ampliação de alianças de renome e esforços para aumentar a mobilidade estudantil não teriam que ter uma atuação mais proativa por parte do próprio departamento de Cooperação Internacional. Ademais, se realmente existe o interesse para com o estabelecimento de cursos de formação conjunta ou duplo-diploma, não está claro quais das atividades executadas visam a esse resultado.

De modo geral, as estratégias utilizadas pela UFPE demonstram ser eficientes para garantir seus dois primeiros objetivos: mobilidade e aproximação de instituições de renome. A Estácio do Recife não demonstra claramente como fará para incrementar a mobilidade em ambas as vias ou buscar mais bolsas. A Faculdade Damas, onde as iniciativas de internacionalização são realizadas por meio de aprovações de projetos propostos deixam lacunas na garantia da sustentabilidade dos planos.

Remetendo-se ao ciclo do processo de internacionalização de Knight, percebe-se que tanto na Estácio Recife quanto na Faculdade Damas existe a consciência da importância e benefícios da ferramenta por parte de alguns, porém falta engajamento da comunidade acadêmica, compromisso estabelecido através de planos ou estratégias de médio a longo prazo para que se alcancem as prioridades e, subsequente execução, visualizando as mudanças trazidas com a internacionalização que possam reforçar a consciência novamente.

Por motivos como esse, Estácio Recife e Faculdade Damas têm dificuldades de alavancar seus processos de internacionalização. Afinal, como a Estácio Recife irá tornar a mobilidade contínua se não foram elaboradas estratégias para que isso aconteça? Quando os alunos da Faculdade Damas deixarão de mencionar a falta de Experiência Internacional como uma das suas principais insatisfações se sequer é pública a visão de onde a IES pretende chegar com a internacionalização?

Dessa forma, tendo em vista o discurso dos responsáveis a respeito do porquê da internacionalização, considerando as publicações impressas e virtuais que destacam as iniciativas a respeito enquanto um diferencial de excelência, o que se percebe nas instituições em Pernambuco, é que se diz haver uma grande vontade em fazer a internacionalização virar uma realidade nos cursos de Relações Internacionais. O desafio maior encontra-se na concretização, em alinhar as atividades aos resultados esperados e, sobretudo, convergir interesses distintos no interior das instituições para fazer com que existam ações que justifiquem na prática a importância que a internacionalização tem no discurso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Internacionalização do Ensino Superior tornou-se realidade graças aos desdobramentos pós Guerra Fria, que deram por intensificar o grau de interdependência das nações. As Instituições do Ensino Superior em seu papel de formar cidadãos altamente capacitados perceberam como a interação com entidades semelhantes de outros países poderia trazer benefícios mútuos que resultariam no exercício de funções que vão ao encontro das demandas e oportunidades trazidas pelo aprofundamento da globalização.

Esse relacionamento mais próximo é visto como o meio para despertar nos jovens a tolerância e a compreensão de outras lógicas culturais, assim como o desenvolvimento de habilidades interculturais e conhecimentos globais que elevam a competitividade do país. Para as instituições, através da internacionalização elas tornam-se referência e são reconhecidas em rankings de qualidade, o que facilita a arrecadação de investimentos e retorna em atração de mais e melhores alunos e professores.

Isso ocorre porque a internacionalização está intimamente relacionada a qualidade em três aspectos principais. O primeiro é que ao promovê-la, estimula-se mais a pesquisa e a transferência de conhecimento, o conteúdo da grade curricular fica mais completo e considera uma ampla variedade de perspectivas, os métodos de ensino utilizam a experiência internacional dos professores, materiais e classes em idiomas estrangeiros, além de incorporarem competências interculturais também na avaliação. A Internacionalização em Casa associada às oportunidades (e facilidades) de mobilidade para estudo, estágio e pesquisa fazem das instituições que se internacionalizam as mais capazes de promover uma formação bastante alinhada com as necessidades dos alunos nacionais, internacionais e com o mercado de trabalho.

O segundo aspecto diz respeito à qualidade da própria internacionalização. Na verdade, os benefícios mencionados acima só realmente passam a ser sentidos quando os diversos interesses internos convergem para uma mesma visão, claramente demonstrando o que se pretende atingir com a internacionalização e a partir disso planejam-se e executam-se as estratégias que possibilitam a realização dos objetivos da comunidade acadêmica.

O último tange a um certo desnível entre as expectativas de qualidade dos estudantes e os padrões de qualidade postos pelas instituições, assim como entre a qualidade percebida pelos estudantes e a qualidade realmente oferecida. Por essa razão, a pesquisa buscou analisar se os serviços de internacionalização oferecidos pelo ensino superior realmente fazem a diferença na formação do aluno e na reputação da entidade, ao mesmo tempo que se percebe ou não uma sincronia entre prioridades expostas na visão e efetividade das estratégias escolhidas para atingi-la.

Para tanto, o trabalho utilizou as principais IES de Pernambuco que oferecem graduação em Relações Internacionais (ou com ênfase) como estudo de caso: Universidade Federal de Pernambuco, Estácio Recife e Faculdade Damas. Tomou-se como base dados provenientes dos responsáveis pelas atividades de internacionalização e em publicações impressas e virtuais. Considerou-se ainda a opinião dos alunos de cada instituição, apesar de se reconhecer que a quantidade de respostas não foi uniformemente distribuída e, portanto, utilizando-a apenas como elemento acessório.

Durante a avaliação, percebe-se que a universidade pública é a mais bem estruturada, em termos de recursos humanos focados exclusivamente às atividades de internacionalização, processos e serviços consolidados, convênios que são, em parte, colocados em prática, pesquisa internacional conjunta, informações de apoio ao aluno internacional e ao brasileiro. Como resultado, os alunos da UFPE que foram entrevistados demonstraram necessitar mais de outros serviços como projetos práticos, orientação de carreira e aulas inovadoras que a experiência internacional. Contudo, também é prioridade na visão da UFPE a obtenção de mais cursos de duplo diploma e não foram apresentadas iniciativas que lidem diretamente com isso.

A Estácio Recife e a Faculdade Damas apresentam dificuldades de exercer uma internacionalização mais adequada ao que precisam por conta de, sobretudo, limitações internas. A primeira é subordinada a sede nacional, ficando responsável apenas por informações sobre mobilidade. A segunda depende da aprovação de cargos superiores para qualquer tipo de iniciativa internacional. Dessa forma, ambas instituições são afetadas com a falta de autonomia e com a descontinuidade de suas ações.

Nesse sentido, a Estácio Recife centraliza suas funções na mobilidade trazida por convênios previamente estabelecidos e a Faculdade Damas, em palestrantes internacionais e disciplinas em inglês que já fazem parte da grade curricular. Ou seja,

atividades que não demandam muita discussão com o corpo diretor. Dessa forma, evidenciam-se lacunas na estrutura, a princípio de recursos humanos, que seja unicamente direcionada às atividades de internacionalização, uma vez que os responsáveis correntes acumulam outras funções, muitas vezes tidas como prioritárias ou urgências, já que os benefícios da projeção internacional não podem ser vistos a curtíssimo prazo.

Assim, os alunos das instituições privadas são os menos confiantes durante a entrada no mercado de trabalho e muitos quando se dizem preparados, não atribuem suficiente mérito aos esforços das IES. Entre os alunos entrevistados, as faculdades privadas apresentaram o mesmo relevante nível de insatisfação com o apoio dado à experiência internacional, o que diverge do posicionamento dos responsáveis, uma vez que afirmam ter convênios que poderiam ser o primeiro passo para um contato mais profundo com as oportunidades no exterior.

Sobre as três IES, não se notam esforços práticos que vão além de intenções para garantir que a internacionalização não seja um fim em si mesmo e passe realmente a influenciar a qualidade da formação do aluno. Isso começa desde o pouco ou nenhum acompanhamento periódico da experiência do aluno no exterior e do estudante internacional ou ainda da insuficiente orientação ou informação a respeito dos serviços internacionais que são oferecidos. Da mesma forma, não se vê um diálogo mais próximo com os professores, que são os grandes facilitadores da aprendizagem. Não se sabe se os mesmos buscam incluir as perspectivas diversas trazidas com alunos internacionais e as próprias experiências no exterior, se os métodos de ensino contribuem para o desenvolvimento de habilidades interculturais e engajamento de um networking global, por exemplo.

Nesse contexto, pode-se inferir que o processo de Internacionalização do Ensino Superior das IES em Pernambuco que ofertam a graduação em Relações Internacionais encontra barreiras que vão desde a esfera de comprometimento da comunidade acadêmica. O discurso proferido parece ser bastante idealizado quando se notam os déficits de ações concretas ou inovações.

É importante lembrar que a internacionalização não é um fenômeno estático, mas um processo de constante evolução em que todos os envolvidos (organizações internacionais, governos, instituições de ensino superior, funcionários e estudantes)

precisam compreender e interagir, estabelecendo seu próprio papel a fim de proporcionar ao Ensino Superior funções mais adequadas às demandas globalizantes, de modo a melhorar a qualidade da educação.

Uma vez que a internacionalização não é encarada por todos como um instrumento inerente à missão institucional das IES e que é, inclusive requisito de excelência, o estudante não é preparado para assumir oportunidades a nível local (influenciadas pelo exterior) ou global, podendo ser preterido em relação a outros que foram capacitados para tanto. A instituição perde espaço em comparação a outras, inclusive estrangeiras, pois o cenário da educação está marcado pela competição por alunos, profissionais e recursos financeiros. O país continua transferindo para instituições estrangeiras sua responsabilidade em oferecer ensino e pesquisa capaz de formar uma força de trabalho competitiva. Ao mesmo tempo em que deixa de aproveitar recursos que já existem no exterior e reafirma a posição periférica do Brasil nas esferas tecnológica, educacional e econômica.

Apesar da importância do tema, existe uma escassez de teóricos das Relações Internacionais que o abordem diretamente, afinal o processo é muito recente e, no Brasil, embrionário se comparado com a Europa Ocidental e a América do Norte. Por tal razão, houve dificuldades para se obter um embasamento científico, porém é possível utilizar as premissas neoliberais da Interdependência Complexa e as do construtivismo para ter-se uma compreensão acerca da possibilidade de mudança na atuação dos agentes não estatais interdependentes e mutuamente interessados, da mesma forma que entende-se que seus interesses não são predeterminados e conseqüentemente, as escolhas dos agentes e suas ações também não os são.

Dessa forma, o presente trabalho buscou esclarecer os benefícios e riscos da má administração do processo de internacionalização do Ensino Superior, procurando compreender os limites das instituições que ofertam bacharelado em Relações Internacionais em Pernambuco para, assim, chamar a atenção dos agentes para as escolhas e ações que estão tomando de maneira que possam protagonizar o papel que lhes é conferido para construir uma educação melhor, ao mesmo tempo em que o mundo está alterando a educação.

REFERÊNCIAS

- ALTBACH, P; REISBERG L; RUMBLEY L. **Trends in Global Higher Education: Tracking an Academic Revolution**. Paris: UNESCO, 2009.246f.
- ARUM, S.; De WATER, J. **The Need for a Definition of International Education in U.S. Universities**. In: KLASEK (ed.). Bridges to the future: strategies for internationalizing higher education. Carbondale: Association of International Education Administrators, 1992, p.191-203.
- BRANDENBURG,U.; ERMEL, H.; FEDERKEIL, G.; FUCHS, S.; GROOS, M.; MENN,A. **How to measure the internationality and internationalisation of higher education institutions: indicators and key figures**. In: Hans de Wit (ed.) Measuring success in internationalisation of higher education. Amsterdam: EAIE, 2009, p. 65-76.
- BRANDENBUTG, U. et al. **The Erasmus Impact Study: effects of mobility on skills and employability of students and the higher education institutions**. Luxemburgo: União Europeia, setembro de 2014, 226 p.
- Catálogo Internacional da UFPE**. Recife: UFPE, 2014.
- CASTRO, T.**Teoria das Relações Internacionais**. Brasília: FUNAG, 2012, 578 p.
- CROWTHER, Paul. **Internationalisation at home: institutional implications**. In: Internationalisation at home: a position paper. Amsterdam: European Association for International Education (EAIE), 2000, p.35- 40.
- DE WIT, Hans. **Rationales for Internationalisation of Higher Education**. In: The International Universities: Global and Local roles, 1998, Londres, anais. Disponível em: <<http://www.ipv.pt/millennium/wit11.htm>>. Acesso em: 02 dez. 2014.
- DE WIT, H.; KNIGHT,J. **Strategies for internationalisation of higher education: historical and conceptual perspectives**. In: Hans de Wit (Ed.). Strategies for the internationalisation of higher education: a comparative study od Australia, Canada, Europe and the United States of America. Amesterdam: EAIE, 1995,p. 5-36. Disponível em <http://www.uni-kassel.de/wz1/mahe/course/module6_3/10_knight95.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2014.

De WIT, H. **Internationalisation of higher education: an introduction to the why, how and what.** In: Hans de Wit (ed). An introduction to higher education internationalisation. Milão: Vita e Pensiero, 2013, p.13-46.

DE WIT, H. **Issues of quality assurance and internationalisation.** In: Hans de Wit (ed). An introduction to higher education internationalisation. Milão: Vita e Pensiero, 2013, p.128-144

DE WIT, H.; HUNTER, F. **Europe's 25 Years of Internationalization: The EAIE in a Changing World.** In: DE WIT, HUNTER, JOHNSON, VAN LIEMPED (Eds). Possible Futures: The next 25 years of the Internationalisation of Higher Education. Amsterdam: EAIE, 2013, p. 5-16

GAALLEN, A. van (ed.). **Internationalisation and Quality Assurance.** Amsterdam: EAIE, 2010, 108 f

HILLER; WOZNIAK. **Developing an intercultural competence program at an international cross-border university.** Frankfurt: 2008. Disponível em http://www.idrinstitute.org/allegati/idri_t_publicazioni/17/file_documento.pdf
Acesso em 04 dez. 2014

JACKSON, ROBERT; SORENSEN, GEORG. **Introdução as relações internacionais : teoria e abordagens.** Rio de Janeiro : Zahar, 2007.

JONES, E. **Internationalisation and student learning outcomes.** In: Hans de Wit (ed). An introduction to higher education internationalisation. Milão: Vita e Pensiero, 2013, p.107-116.

KORNPETPANEE, S. **Internationalization of universities.** 1999. 132f. Dissertação - Universidade de Amsterdam. Amsterdam, 1999.

KNIGHT, J. **Internationalisation of Higher Education.** In: Quality and Internationalisation of Higher Education. Paris: OECD, 1999, p.13-23.

MACHADO, C.A. **Ação Externa de atores subnacionais: o caso das mercocidades.** Marília, Universidade Estadual Paulista, 2010.

NYE, J. **Soft Power: The means to success in world politics.** Foreign Affairs, maio-junho, 2014. < <http://www.foreignaffairs.com/articles/59732/g-john-ikenberry/soft-power-the-means-to-success-in-world-politics>>. 04 dez. 2014

NOGUEIRA, JOAO PONTES; MESSARI, NIZAR. **Teoria das relações internacionais: correntes e debates.** São Paulo: Elsevier - Campus, 2005.

OTTEN, Matthias. **Impacts of cultural diversity at home. In: Internationalisation at home: a position paper.** Amsterdam: European Association for International Education (EAIE), 2000, p.15- 20.

Relatório de Autoavaliação Institucional da Estácio Recife. Recife: 2012. Disponível em <file:///C:/Users/Daylhane%20Cunha/Downloads/101987_62.pdf> Acesso em 04 dez. 2014

VÁRIOS AUTORES. **Educação - Um tesouro a descobrir: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI.** São Paulo: Cortez, janeiro de 1998. 288p.

WACHTER, Bernd. **Internationalisation at home: the context.** In: Internationalisation at home: a position paper. Amsterdam: European Association for International Education (EAIE), 2000, p.5- 14.

ANEXOS